

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DAVI LUCENA BARRETO**



**MERCADORIZAÇÃO E CAPITAL HUMANO**  
**Uma análise do processo de formação de jovens para o novo mercado de trabalho**

**JOÃO PESSOA/PB**

**2019**

B273m Barreto, Davi Lucena.

Mercadorização e Capital Humano: Uma análise do processo de formação de jovens para o novo mercado de trabalho / Davi Lucena Barreto. - João Pessoa, 2019. 62 f.

Orientação: Anderson Moebus Retondar.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Mercadorização; Capital Humano; Consumo. I. Retondar, Anderson Moebus. II. Título.

UFPB/CCHLA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DAVI LUCENA BARRETO**

**MERCADORIZAÇÃO E CAPITAL HUMANO**

**Uma análise do processo de formação de jovens para o novo mercado de trabalho**

Monografia do curso de Bacharelado em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba. Em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Bacharelado em Ciências Sociais.

**Orientador:** Prof. Dr. Anderson Moebus Retondar – DCS/UFPB

**JOÃO PESSOA/PB**

**2019**

**DAVI LUCENA BARRETO**

**MERCADORIZAÇÃO E CAPITAL HUMANO**

**Uma análise do processo de formação de jovens para o novo mercado de trabalho**

Monografia do curso de Bacharelado em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba. Em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Bacharelado em Ciências Sociais.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Anderson Moebus Retondar – DCS/UFPB  
(Orientador)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Magalhães Brito – DCS/UFPB  
(Examinador)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Miqueli Michetti – DCS/UFPB  
(Examinadora)

Dedico este trabalho à minha mãe, Isabella Halbscheffel, Stefan M. Halbscheffel, meus avós, Daniel Bonifácio e Maria Elizabeth, aos meus irmãos, Pedro Lucena e Maria Luise e ao meu amor Maysa Carvalho, aos quais agradeço imensamente por tudo o que sou.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família por todo apoio que recebi durante a minha formação, que sempre estiveram ao meu lado perante as maiores dificuldades. Gostaria de agradecer à minha mãe, Isabella Halbscheffel, que mesmo perante as maiores dificuldades nunca recuou e sempre se doou para que eu pudesse chegar aonde cheguei; ao meu avós, Daniel Bonifácio e Maria Elizabeth, que com muito sacrifício mantém a família.

Aos meus irmãos que sempre me deram apoio e dores de cabeça, pelos grandes parceiros que são independente do momento.

A Maysa Carvalho de Souza, por toda a ajuda e suporte que me deu, por todos os aprendizados e ótimos momentos ao teu lado.

Ao meu orientador, Anderson Moebus Retondar, por toda a paciência e atenção ao me guiar nesta pesquisa.

A Terence Mulhall, José Henrique Artigas de Godoy e Givanildo Oliveira Avelino, por terem tomado de seu tempo e me auxiliado nas diversas explorações teóricas.

Ao grupo de professores do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba com os quais tive o prazer de estudar, por toda competência, profissionalismo e exemplo que representam.

Aos funcionários do CODISMA, em especial Carol, por terem me recebido muito bem e sem os quais esta pesquisa não teria sido possível.

## **RESUMO**

A presente pesquisa teve por objetivo compreender uma parte do processo de formação dos jovens para o mercado de trabalho e como este processo está relacionado com as novas cobranças feitas pelo sistema capitalista e globalizado. Tendo em consideração o elevado grau de competição do mercado de trabalho, os indivíduos concorreriam entre si por oportunidades de emprego através do acúmulo de habilidades e capacidades que os tornassem mais aptos para tal. Sendo o inglês, dentro desta lógica, uma das habilidades mais procuradas, optamos por objeto os estudantes desta língua, especificamente os matriculados na instituição Cooperativa Cultural e Distribuidora de Material Escolar da UFPB (CODISMA). Esta se localiza dentro do Campus 1 da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e foi escolhida tanto pela sua localização quanto pela facilidade de acesso que a instituição nos deu para realização da pesquisa. A pesquisa foi realizada através da aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas, que nos permitiu coletar uma série de dados quantitativos e qualitativos que nos permitiram melhor compreender a relação destes estudantes com a estrutura social contemporânea, as diferentes etapas de sua formação e como estes significavam tal processo. Foi possível através deste trabalho observar as práticas de consumo simbólico de currículo, a influência da globalização sobre as representações do mercado de trabalho e como os hábitos dos sujeitos se adaptaram a nova conjuntura capitalista contemporânea.

## **ABSTRACT**

The research at hand sought to understand the educational background of the contemporary worker for the job market and how individuals adapt to the new requirements to achieve the profile of the ideal professional. The motivations for English language studies were analyzed in students enrolled in CODISMA's basic English course I and II and in CODISMA's last three modules, English VIII, Advanced I and II, in the first half of 2018. The institution, located within the Universidade Federal da Paraíba, was chosen as the sample due to its accessibility and the number of university students who attend it. The English course was chosen due to the representation of this language as a differential in the job selections and interviews, with much demand by those who seek to become more competitive in the job market. The research was carried out through the application of questionnaires of objective questions and semi-structured interviews. From the numerical data and testimonies collected, it was possible to observe the profile of the students who started their studies in the institution and those of which were able to keep their studies to the last modules, and also evidencing the importance students give to the mastery of the language for daily life usage, to improve the quality of their academic training, to help acquire a job and to refine the caliber of professional they intend to become. Such idealization of a worker that they aim to achieve would have a direct influence on their path, family relationships and life management in support of this goal.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. A TRANSFORMAÇÃO DA MÃO DE OBRA, CAPITAL HUMANO E O MERCADO DE TÍTULOS.....</b>	<b>17</b>
1.1 – Formação da mercadoria trabalhador .....	17
1.2 – Cultura do empreendedorismo e idealização do profissional .....	18
1.3 – Sociedade de consumo e a busca por destaque .....	21
1.4 – Consumo de títulos e o acúmulo de capital humano .....	24
<b>2. ESFORÇOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>27</b>
2.1 – Escolha do campo e do objeto .....	27
2.2 – Especificidades do campo .....	28
2.3 – Desafio metodológico .....	29
2.4 – Instrumentos de pesquisa .....	30
<b>3. CONDIÇÕES, ETAPAS E REFLEXO DA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA MERCADORIA .....</b>	<b>33</b>
3.1 – A influência da globalização sobre o mundo da vida e a esfera do trabalho.....	33
3.2 – Trajetória de vida: etapas de fabricação da mercadoria-trabalhador.....	41
3.3 – Reflexos objetivos e subjetivos da meta da excelência profissional .....	47
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>6 – REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>
<b>Anexo 1.....</b>	<b>61</b>
<b>Anexo 2.....</b>	<b>62</b>

## **Introdução**

### **Uma breve apresentação da pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada com o intuito de compor o trabalho de conclusão de curso, pré requisito para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais Bacharelado da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa realizada está dentro da temática da Sociologia do Consumo e Sociologia do Trabalho e pretende dar uma perspectiva da formação do perfil do trabalhador moderno como mercadoria atraente para o mercado de trabalho e como os indivíduos são influenciados por esta nova referência de profissional.

Observamos nos últimos séculos os impactos do advento do capitalismo em toda sociedade de forma objetiva e subjetiva. A sociologia se ergue como uma ciência que teria por objetivo explicar os fenômenos sociais que irão definir a modernidade como, por exemplo, os reflexos das revoluções industriais, a ascensão da mentalidade capitalista, entre outros. O esforço para a compreensão de tais fenômenos leva a nova ciência a ramificar-se na análise das mais diversas formas nas quais os fenômenos sociais se manifestam e influenciam a vida em sociedade. Dentre estes fenômenos, chama inicialmente a atenção da sociologia os estudos sobre o trabalho e a produção, que vão ganhar espaço por muito tempo na sociologia, ofuscando uma área intimamente ligada a elas, o estudo do consumo, que só começa a chamar atenção nas ciências sociais no final do século XX (Barbosa, Campbell 2006, p.21).

O fenômeno do consumo não irá se resumir a um mero reflexo da dinâmica produtiva, mas se torna um espaço autônomo de ação social, chegando ao ponto da relação entre indivíduo e consumo passar a ocupar um dos principais norteadores da vida social. A cultura de consumo, ou sociedade de consumo, passa a se cristalizar na produção do conhecimento sociológico e a importância do fenômeno passa a permear as análises de diversos temas.

Acerca do consumo, Barbosa e Campbell (2006) dirão que “do ponto de vista empírico, toda e qualquer sociedade faz uso do universo material a sua volta para se reproduzir física e socialmente”(p.22) e, segundo Bauman (2008):

Se reduzido à forma arquetípica do ciclo metabólico de ingestão, digestão e excreção, o consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos. (BAUMAN 2008, p.37)

Percebemos então que o consumo é uma atividade que acompanha o ser humano em sua história, mas a característica que mais nos interessa é a forma como o consumo “[...] pode proporcionar a significância e a identidade que os seres humanos modernos tanto desejam, e que é em grande parte através dessa atividade que os indivíduos podem descobrir quem são, e conseguir combater seu senso de insegurança ontológica” (Barbosa, Campbell 2006, p.64). O consumo está diretamente ligado aos processos de relação do indivíduo tanto em sociedade (questões relacionadas a distinção, reprodução física e social, etc) quando com o seu próprio *self* (questões de identidade e visão de mundo). Possuindo diversas funções no meio social, não se pode ignorar que, através do consumo, somos capazes de vivenciar experiências que auxiliam na formação de nossa subjetividade e identidade. O termo “cultura do consumo”, segundo Mike Featherstone (1995, p.121), enfatiza a importância de considerar o efeito de estruturação do mundo da mercadoria sobre a sociedade contemporânea, tendo um de seus focos na economia de bens culturais que se refletem diretamente nos campos dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias.

O consumo, portanto, se revela como um forte campo de constituição de identidade e subjetividade. A lógica consumista, antes aplicada unicamente ao mercado de bens materiais, na sociedade de consumo passa a ser utilizada em outros campos da vida, afetando as relações sociais, as relações trabalhistas, constituindo estilos de vida marcados pela lógica do consumo, que passa a assumir um papel simbólico significativamente maior. O próprio indivíduo, dentro do novo paradigma consumista, se torna uma mercadoria. Bauman irá postular que o indivíduo moderno é “aliciado, estimulado ou forçado a se promover como uma mercadoria atraente e vendável” (Bauman 2008, p.13) em diversos momentos de sua vida social. O fenômeno de transformação do indivíduo em mercadoria, característica do auge da sociedade de consumidores, irá repercutir na subjetividade dos indivíduos, dando origem a outro fenômeno descrito pelo autor como *Fetichismo da subjetividade*, que se caracteriza pela abordagem da subjetividade do indivíduo como natural expressão de sua identidade, ignorando seu processo de construção imposta socialmente, ganhando o ato do consumo protagonismo sobre o próprio sujeito.

As discussões realizadas no campo da sociologia sobre a temática das possíveis interpretações da natureza do consumo são variadas e conflitantes. Seja na perspectiva daqueles que o classificam como um processo puramente alienante, gerido através da indústria cultural, ou dos danos causados pela adoção da lógica do consumo em outras áreas da vida, muito bem representados pelos intelectuais da escola de Frankfurt, seja na defesa dos benefícios trazidos pela sua prática, permitindo ao ser humano ter acesso a experiências que o auxiliariam na descoberta do mundo e de si mesmo, permitindo a formação de uma grande diversidade de subjetividades, ambas as perspectivas parecem concordar no que se refere a importância do tema para as ciências sociais.

Apesar do ganho de espaço no campo das pesquisas acadêmicas, ainda encontramos poucos trabalhos acerca do consumo e vícios relacionados a sua abordagem teórica.

Considerando sua importância como tema independente ou como auxiliar para a compreensão de diversos outros, a compreensão da cultura do consumo, da sociedade de consumidores ou, como coloca Campbell, da civilização consumidora, é merecido o aprofundamento dos estudos do tema em suas diversas vertentes além do incentivo ao desenvolvimento da área, sendo a mesma essencial para a compreensão da contemporaneidade.

Os estudos acerca do consumo no campo da sociologia há muito o consideram, entre outras coisas, como elemento catalisador de distinção social através do consumo de produtos luxuosos, produtos considerados tendências da moda ou mesmo a exploração consumista do mercado do lazer. Porém a abrangência do tema vai além da perspectiva de que o consumo tem por objetivo único a obtenção ou manutenção de status. Há uma grande variedade de formas pelas quais os indivíduos se apropriam do mundo material com inúmeros objetivos diferentes. Nas palavras de Livia Barbosa:

Foi sistematicamente ignorado entre nós um conjunto de temas de pesquisa tão ou mais importantes para a compreensão dos atos de consumo, de seus sujeitos e contextos, como análises históricas baseadas em fontes primárias; pesquisas de campo e etnografias sobre práticas, padrões rituais de consumo e compra de diferentes grupos sociais, faixas etárias, gêneros, religiões; mecanismos de mediação aos quais se encontra submetida a cultura material e seu papel no mundo contemporâneo; o estudo dos objetos e o que eles nos ensinam sobre a sociedade brasileira; as instituições e a cultura do capitalismo e como estas afetam as lógicas e os padrões de consumo de diferentes segmentos sociais, faixas etárias, ciclos de vida, entre outros. (Barbosa, Campbell 2006, p.10)

A discussão, que passa a se tornar merecedora da atenção de célebres intelectuais, irá recobrar um tema caro a Karl Marx, que é a suspensão do indivíduo, dessa vez não através da prática do trabalho alienado, mas através da prática do consumo. A abordagem da esfera do consumo como um meio alienante e manipulador marcou da escola de Frankfurt até Bauman, em sua abordagem da transformação do indivíduo em mercadoria e o fetichismo da subjetividade.

Outros autores, entretanto, irão chamar atenção para a individualização no processo do consumo e a possibilidade de, através dele, dar ao indivíduo a oportunidade de se conhecer e construir através do diversificado mercado de identidades, destoando da abordagem objetivista anterior, diversificando as abordagens do tema.

Pensando o fenômeno da transformação do indivíduo em mercadoria como atestado por Bauman, o autor dirá que o fenômeno vai se manifestar de diversas formas, todas tendo em comum

a preocupação do indivíduo a se adaptar às cobranças impostas nos diversos campos da vida social. Entretanto, parte da subjetividade do indivíduo também é construída no processo, sendo os esforços em direção a tais transformações como natural expressão do *self* (fetichismo da subjetividade). Consumimos cada vez mais produtos com os quais formamos nossa imagem social sem perceber as relações sociais que servem de base para tal formação, mas que possui grande influência sobre as nossas decisões.

Surgem, a partir do tema da mercadorização do indivíduo, inquietações acerca de sua natureza e da conjuntura na qual se apresenta. Para a análise do fenômeno, considerando sua natureza processual, se tratando da construção da mentalidade individual, e no intuito de atingir um maior rigor interpretativo se fez necessário observar a trajetória percorrida pelo indivíduo durante sua formação e quais variáveis o influenciaram para tal, quais estratégias o mesmo elabora, e qual seria seu objetivo final. Uma área em particular, entretanto, revela ter se tornado uma preocupação generalizada a todos os indivíduos em todas as etapas citadas, o mercado de trabalho.

O mercado de trabalho contemporâneo, caracterizado pelo grande exército de reserva e alta concorrência, irá absorver indivíduos cada vez mais especializados e competitivos, levando os sujeitos a pensarem sua preparação para o mesmo cada vez mais cedo e refinarem suas estratégias de escolhas mediante a natureza de sua formação profissional. O dilema enfrentado pelo indivíduo dentro da sociedade de consumidores entra em paridade com o dilema enfrentado no planejamento para o ingresso no mercado de trabalho: como se destacar? Sair do campo da invisibilidade social mostra-se tanto nas obras de Bauman, Campbell e Featherstone como um dos principais objetivos dos indivíduos na sociedade de consumidores. Seja através do acúmulo de bens materiais ou bens simbólicos estilos de vida ou formação profissional, o indivíduo moderno, em busca de sua auto-realização, irá se esforçar para se destacar de alguma forma, e a principal área na qual visam esse destaque é o campo do trabalho.

Se percebe, por parte do indivíduo, uma abordagem similar entre a cobrança por especialização do mercado de trabalho com o desejo por se destacar dentro da sociedade massificada no qual se encontra, iniciando sua trajetória em direção a tornar-se uma mercadoria atraente e desejada, como posto por Bauman, cujas particularidades de sua jornada serão determinadas através do contexto no qual se encontra na conjuntura social, tendo influência de diversas variáveis que pretendem ser exploradas durante a pesquisa. Como, então, a cobrança por especialização feita pelo mercado de trabalho irá afetar o gerenciamento da vida do indivíduo durante o seu processo de formação? Que estratégias o mesmo elabora para se destacar em relação aos seus competidores e até onde esse esforço não se mistura com sua construção subjetiva? Considerando os meios pelos quais os indivíduos realizam sua formação, quais critérios levam os indivíduos a consumir determinados cursos e o que representam para os mesmos?

O tema da presente pesquisa foi inspirado pela discussão apresentada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em sua obra *Vida para Consumo* (2008), onde entre outros temas ele aborda a transformação do indivíduo em mercadoria na modernidade e o fetichismo da subjetividade. O autor irá denunciar as diversas formas como o indivíduo é aliciado a corresponder às expectativas de diversos campos sociais e promover seu sucesso, estas expectativas ganham prioridade sobre o próprio indivíduo que busca se destacar dentro da sociedade de consumo. Tal fenômeno também repercute em sua subjetividade, porém a mesma é naturalizada como sendo o reflexo da individualidade do sujeito, caracterizando o fetichismo.

Foram necessários vários meses para a elaboração do tema do trabalho que, na medida em que eram exploradas as referências teóricas, era constantemente adaptado a maior quantidade de informações e mais interligado com outras áreas do conhecimento, levando a ser redigido diversas vezes até melhor se adaptar ao panorama atual. A reunião bibliográfica multidisciplinar também se mostrou um desafio na elaboração deste trabalho, sendo de grande ajuda o auxílio de professores de diferentes áreas do conhecimento que se dispuseram a diversas reuniões e que puderam fazer grandes contribuições para o seu desenvolvimento.

No intuito de expandir a discussão acerca do tema, o fenômeno foi pensado na perspectiva da trajetória do indivíduo na modernidade em se construir como uma mercadoria vendável, no caso, a reunião de características que o tornaria atraente para o mercado de trabalho. Esta trajetória é marcada por um processo constante de consumo de formações e especializações que, segundo a lógica do consumo moderno, serão interpretadas como experiências formadoras de estilos de vida e identidades.

O sujeito se encontraria imerso em um sociedade na qual a principal meta social é se destacar do aglomerado de pessoas que o cercam e, para tal, é necessário que apresente as características valorizadas em tal conjuntura. Tais características, entretanto, passam a poder ser adquiridas através de instituições de ensino, através das quais os indivíduos poderão “escolher” as qualidades que desejam ter, seja domínio de determinadas técnicas ou línguas até habilidades interpessoais e individuais, como espírito de liderança.

A importância do tema para a sociologia, em especial para a sociologia do consumo, está na relevância de incitar a influência do processo de mercadorização e fetichismo da subjetividade nas discussões que visam a melhor compreensão dos fenômenos que dão origem ao indivíduo moderno, competitivo, mercadorizado, neoliberal, no que se refere a sua formação profissional e subjetiva, além de contextualizar sua trajetória com outras variáveis que também influenciaram sua formação. A exploração do processo de construção do indivíduo moderno através da educação para o mercado de trabalho ganha peso ao envolver envolvendo três temas caros para esta ciência que são consumo, educação e trabalho.

O trabalho foi construído de forma a abranger cinco capítulos: introdução, apresentação teórica e contextualização do fenômeno, capítulo metodológico, análise de dados e considerações finais.

Não sendo necessário comentar acerca do capítulo de apresentação da pesquisa, o capítulo referente a apresentação teórica teve como objetivo traçar um panorama histórico acerca da mudança das exigências no mundo do trabalho a partir da primeira revolução industrial, onde o trabalho braçal passa a ser gradativamente substituído pelo trabalho mais técnico e operacional, ganhando espaço os trabalhadores mais intelectualizados. Tal exigência estrutural do mundo do trabalho, entretanto, foi acompanhada por uma mudança na representação social da formação para o trabalho e da popularização da cultura empreendedora.

Tal tema é abordado a partir da perspectiva da Escola Econômica de Chicago que elabora as teorias do Capital Humano. Tal linha teórica irá abordar as habilidades e capacidades do trabalhador como detentoras de valor de mercado, colocando a educação como campo de investimento calculado com perspectiva de retorno financeiro. A teoria do Capital Humano decanta da universidade para outros setores da sociedade até as escolas de ensino médio, disseminando a cultura do empreendedorismo, ou do cidadão como micro investidor de si mesmo. Sendo esta cultura que formará as bases para o processo de mercadorização do indivíduo para o mercado de trabalho.

O capítulo metodológico teve por objetivo apresentar o objeto através do qual o fenômeno foi analisado, no caso do presente trabalho os estudantes dos módulos básico I e II e inglês VIII e avançado I e II da instituição de ensino Cooperativa Cultural Universitária da Paraíba (CODISMA) no primeiro semestre de 2018, que possui duas unidades dentro da Universidade Federal da Paraíba e um anexo em seus arredores. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram questionários com perguntas objetivas e entrevistas semi estruturadas, ambos realizados na própria instituição de ensino, os quais foram atualizados no decorrer da aplicação para melhor compreensão por parte dos estudantes, necessitando de um total de cinco visitas exclusivamente para coleta de dados.

Os questionários foram distribuídos a todos os alunos de seis salas do inglês básico e nas três únicas salas que representavam os três últimos módulos de inglês, somando um total de 66 questionários aplicados. As entrevistas foram aplicadas e gravadas com o consentimento verbal de cada aluno, sendo aplicado um filtro de idade de 17 a 25 anos, no intuito de acessar de forma específica os indivíduos na faixa etária na qual se tem as primeiras experiências com o mercado de trabalho e formação para o mesmo. Estas foram realizadas mediante a disponibilidade dos alunos em participar depois ou nos intervalos das aulas, resultando em um total de dez alunos do inglês básico entrevistados e nove do inglês avançado.

Infelizmente, em análise posterior, foram identificadas algumas questões que teriam somado a riqueza dos dados caso inclusa nos questionários e entrevistas. Em relação ao questionário, questões acerca do bairro onde o indivíduo está residindo e qual seria a sua cidade natal poderiam ter dado um maior panorama em relação ao deslocamento do indivíduo de sua residência até o curso de inglês, ficando mais nítido o esforço feito pelo mesmo para frequentar as aulas. A questão referente a cidade natal ajudaria a pensar o auxílio prestado pela família em relação a vida financeira, comodidades cotidianas como transporte e preocupações caseiras, além de poder ser um indicativo acerca da autonomia do indivíduo em escolher por si só se matricular em uma escola de línguas.

Em relação às entrevistas, diversas questões poderiam ter sido exploradas de forma mais aprofundada, como à exemplo da influência da família na escolha de suas carreira e na realização de cursos profissionalizantes que realizaram. Como pudemos perceber através de alguns exemplos, em muitos casos alunos decidem seguir uma carreira profissional semelhante à dos pais, ou então por influência dos mesmos.

Mesmo não abrangendo os itens acima, a pesquisa foi capaz de coletar uma grande quantidade de dados acerca do objeto e capaz de apresentar um cenário bastante detalhado acerca dos indivíduos que frequentam o CODISMA e suas experiências para e com o mercado de trabalho.

O quarto capítulo é voltado para análise quantitativa e qualitativa dos dados coletados. Estes segmentos foram estruturados de forma a apresentar inicialmente a forma como os dados quantitativos foram utilizados para traçar perfil geral dos indivíduos que estavam iniciando os seus estudos na instituição e daqueles que estavam nos últimos módulos do inglês no intuito de refletir as especificidades sócio econômicas que caracteriza cada grupo.

Foi realizada também a análise do perfil sócio econômico dos estudantes do inglês básico e avançado sob o recorte de idade utilizado nas entrevistas com a intenção de melhor conhecer aqueles indivíduos cujo o discurso seria analisado em sequência, dando uma perspectiva mais abrangente da realidade vivida por cada um dos entrevistados. Os dados quantitativos foram, em ambos os casos, cruzados entre si para melhor descrição e compreensão de determinadas tendências e fenômenos, como no caso de alunos de idade inferior ou superior ao filtro aplicado às entrevistas mas que também revelavam tendências importantes para a pesquisa

Foram analisados os discursos gravados das entrevistas realizadas no intuito de pensar a representação que os temas apresentados possuíam para os alunos e melhor explorar sua perspectiva acerca das exigências do mercado de trabalho e das motivações que possuíam para o estudo da língua inglesa. Foram reconhecidos diversos padrões nas respostas apresentadas, como a forte presença do inglês no cotidiano e da importância do domínio da língua para melhor se situar diante das diversas informações que recebem diariamente. De forma mais aprofundada, analisamos a



forma como as demandas feitas pela estrutura capitalista estão dentro do campo objetivo e subjetivo, compondo exigências tanto em relação à formação do indivíduo quanto a suas características de personalidade. Observamos que, para além do trabalho, a vida produtiva do indivíduo compõe um campo específico, na qual a epistemologia praxiológica bourdiesiana foi essencial para destrinchar. A ascensão de um habitus produtivista serviria de lente para analisar os dados coletados?

O capítulo das considerações gerais irá apresentar uma síntese da tese exposta no capítulo teórico com dos dados encontrados no trabalho de campo. Este capítulo abordará sistematicamente as análises realizadas e de que formas ela confirmará a teoria mediante as especificidades do campo analisado.

O intuito inicial idealizado para a pesquisa foi o de realizar uma análise comparativa mais abrangente de três instituições de ensino do inglês, uma de caráter mais popular, uma mais elitizada e o CODISMA. Entretanto, mediante a dificuldades no contato com os responsáveis pelas instituições e até mesmo de encontrá-los presentes nas mesmas a pesquisa ficou restrita aos alunos do CODISMA. Cabe ressaltar, entretanto, que esta dificuldade em realizar pesquisas em instituições de ensino particulares é comum e também são encontradas em pesquisas relacionadas a escolas de ensino médio. Através de projetos anteriores dos quais participei que tinham o intuito de pesquisar alunos do ensino médio e fundamental de escolas públicas e privadas foi possível perceber a mesma dificuldade de acesso na instituição, me levando a olhar para a área como um campo restrito àqueles possuidores de uma melhor rede de contatos.

Cabe ressaltar as especificidades que caracterizam o campo analisado, no caso, uma instituição de ensino de línguas localizada dentro da Universidade Federal da Paraíba, que oferece desconto para os alunos estudantes do ensino superior e que, por consequência de diversas vantagens possui a grande maioria de seus estudantes compostos por universitários.

A presente pesquisa não tem a ambição de abordar o tema da transformação do indivíduo em mercadoria em sua totalidade, considerando que o mesmo se manifesta em diversas áreas da vida, nem apresentar um diagnóstico capaz de representar uma perspectiva macro, mas pretende dar ênfase a influência da estrutura social na relação do mercado de trabalho com os indivíduos, influenciando suas experiências com o mesmo e a forma como se adaptam a ele, sendo uma delas o estudo da língua inglesa.

## A TRANSFORMAÇÃO DA MÃO DE OBRA, CAPITAL HUMANO E O MERCADO DE TÍTULOS

### 1.1 – Formação da mercadoria Trabalhador

A mercadoria é, segundo Karl Marx “um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer tipo” (MARX 2013, p.157), possuindo ela um valor de uso determinado pela sua utilidade. A mercadoria, entretanto, possuirá outro tipo de valor, o seu valor de troca, que será determinado em sua relação com o social (MARX 2013, p.173). O presente trabalho pretende analisar a produção de uma mercadoria específica, a da mão-de-obra, e a forma como neste processo a condição de mercadoria se estende da força de trabalho para o indivíduo que a oferta. A perspectiva usada no estudo foi a da sociologia do consumo, mais especificamente a perspectiva de Bauman acerca da transformação do indivíduo moderno em mercadoria.

Karl Marx, em sua obra *O Capital*, trabalhará principalmente os conceitos de mercadoria e trabalho. Escrevendo em um período de grande inovação industrial e péssimas condições de trabalho, o autor fará uma densa análise desde a natureza da mercadoria até a organização das relações sociais que envolvem o trabalho no final do século XIX. O trabalhador, na conjuntura observada, estaria sujeito a uma série de explorações precisando, em muitos casos, dar a vida trabalhando para poder se sustentar. Marx irá atentar que, no processo de produção, o trabalho não produz apenas mercadorias, mas produz o trabalhador como mercadoria (MARX 2009, p.80). O trabalhador realizava longas e exaustivas jornadas de trabalho, de forma que quanto mais trabalhava, menos tempo possuía para investir em si, seja no campo da educação, saúde ou lazer. As péssimas relações de trabalho, desprovidas de regulação apropriada, permitiam às fábricas contar com um exército industrial de reserva pronto para atender a qualquer momento a sua demanda, composto por indivíduos impulsionados pela falta de trabalho (MARX 2013, p.672).

A abordagem do trabalhador como mercadoria já havia sido posta por Marx. Observamos que a demanda e as minúcias do mercado de trabalho do momento histórico analisado pelo autor já colocava o trabalhador como uma mercadoria em sua definição conceitual, tinha-o como um meio de satisfazer a necessidade de mão de obra, de força de trabalho, de aumento da produção. Cabe ressaltar que, como o trabalho não necessitava de grandes especializações, o trabalhador poderia ser facilmente substituído por qualquer outro que estivesse disposto a se submeter aquela carga de trabalho.

Com o advento da mecanização da mão de obra, o maquinário passa a suprir tal necessidade

e a indústria vai perdendo o interesse nos trabalhadores braçais. Os trabalhadores que antes concorriam entre si no mercado de trabalho passam a concorrer com máquinas que, no mesmo período de tempo, produzem mais e geram menos despesas. O trabalho repetitivo e padronizado podia agora ser reproduzido por objetos inorgânicos que não precisavam se alimentar nem descansar, tornando grande parte dos trabalhadores obsoletos. No entanto, o trabalhador não é descartado imediatamente. Surge a necessidade de um novo tipo de trabalhador. As máquinas, em seu início, precisavam de uma pessoa que as controlasse e as guiasse, abrindo espaço no mercado de trabalho para os operadores da maquinaria. É o início da procura por um novo tipo de mão de obra, não mais composta por trabalhadores braçais, mas uma força de trabalho mais especializada e específica. A demanda e, por consequência, o valor de troca do trabalho operacional/intelectual passa a se tornar consideravelmente maior que o trabalho braçal.

O constante desenvolvimento tecnológico ao longo do tempo deu origem a máquinas cada vez mais independentes do homem, passando o mercado a não necessitar tanto de operadores, porém de programadores, tornando a mão de obra nos mais diversos setores ainda mais especializada. O movimento de especialização da mão de obra não é restrito à indústria. Com o avanço da sociedade de massas, a sociedade de consumo, inovações nos campos da propaganda e administração, outros setores do mercado de trabalho que não lidam necessariamente com a produção material passam a apresentar a demanda por profissionais especializados para a nova conjuntura social. Segundo Harry Gordon Johnson, economista canadense, sendo citado por Lopes-Ruiz:

na Inglaterra da revolução Industrial, como nos países subdesenvolvidos hoje, o trabalho podia razoavelmente ser concebido como, predominantemente, a aplicação da força bruta, com a qual os trabalhadores individuais [...] eram dotados de forma aproximadamente igual, assim como o eram também de alguma capacidade de decisão de tipo mais ou menos trivial. Porém, numa sociedade industrial em evolução tanto a provisão de forças quanto a tomada de decisões elementares são crescentemente assumidas pela maquinaria, enquanto o que o trabalhador leva para o seu serviço são o conhecimento e as habilidades requeridas para utilizar a maquinaria de forma efetiva. Seu conhecimento e habilidades são, por sua vez, o produto de um investimento de capital feito em sua educação, em suas capacidades gerais de comunicação e cálculo requeridas para participar do processo produtivo, e nas capacidades específicas requeridas para seu trabalho em particular; um investimento de capital que é variavelmente financiado pelo Estado, pelo próprio trabalhador ou pelo empregador. Deste modo, o trabalhador é ele mesmo um meio

de produção produzido, um item de equipamento de capital (Johnson apud LopezRuiz, 2007, p. 195 )

## **1.2 – Cultura do Empreendedorismo e a idealização do profissional**

Estes processos de transição do perfil do trabalhador desejado chamou a atenção dos economistas da Universidade de Chicago. A Escola de Chicago, como ficou conhecida por volta de 1950, foi um termo dado às ideias de um grupo de professores economistas que trabalhavam teorias do neoliberalismo americano no Departamento de Economia, sob a liderança de Theodore Schultz, Escola Superior de Administração e Faculdade de Direito da Universidade de Chicago. Também é o termo que serviu de alcunha para importantes economistas, principalmente Milton Friedman e George Stigler, que defendiam o livre mercado em 1960. Um dos principais reflexos dos teóricos da Escola de Chicago, em especial da obra de Schultz e Stigler, foi a teoria do Capital Humano. Capital Humano, segundo o sociólogo Oswaldo Lopes-Ruiz, seria definido por um conjunto de habilidades que deveriam servir, na modernidade, de valor de troca. Segundo o autor “argumentaremos, portanto, que o “humano”, um conjunto de capacidades, destrezas e aptidões próprias dos homens, adquire valor de mercado e se apresenta como forma de capital – entendido como uma soma de valores de troca que serve de base real a uma empresa capitalista” (Lopes-Ruiz, 2007, p. 18).

A escola economista de Chicago irá observar esta mudança na demanda feita pelo mercado de trabalho por trabalhadores com determinado nível de formação e perceberá valorização do conhecimento do trabalhador e ao conjunto de capacitações do mesmo se dará o nome de Capital Humano. A lógica seria de que, com o avanço do capitalismo desde a primeira revolução industrial, e com a automação dos trabalhos físicos, torna-se cada vez mais necessário ao trabalhador características que o capacitem para a nova demanda de trabalho. Tais habilidades, capacidades e destrezas, a partir da sua educação, passariam adquirir e aumentar seu valor de mercado que serviriam de base para a produção empresarial. A educação do indivíduo passa a ser um ato de lógica economicista, um investimento cujo objetivo é o lucro das instituições empregadoras.

A teoria do capital humano, entretanto, não ficaria confinada à Universidade de Chicago. A lógica econômica do investimento calculado em educação como forma de aumentar o valor de mercado da mão de obra irá decantar para cursos de empreendedorismo através de políticas de subjetivação, disseminando-se para outros campos sócio-culturais, como instituições assistenciais, até chegar às escolas. Essa disseminação do empreendedorismo individual, no sentido do investimento no próprio sujeito como propenso a obtenção no lucro, configurando uma cultura do empreendedorismo, como atestado por Sylvio de Souza Gadelha Costa. A cultura do

empreendedorismo estaria estreitamente associada ao bom desempenho do indivíduo em suas funções no trabalho, permitindo que o mesmo seja capaz de produzir maior lucro e, por consequência, seu sucesso profissional, como atesta o autor:

A disseminação dessa cultura, sempre em estreita conexão com a educação, com as escolas, com projetos sociais e assistenciais, esportivos e de formação técnico-profissional, vem sendo feita de tal modo a ampliar-se progressivamente, como estando associada a virtualmente tudo o que seria decisivo e bom não só para o sucesso dos indivíduos, em particular, mas também para o progresso, o desenvolvimento sustentável e o bem-estar de toda a sociedade. (COSTA 2009, p.11)

O pensamento econômico ganha espaço na sociedade civil, principalmente através das instituições de educação. Surge uma nova preocupação para o sujeito de aumentar seu capital humano e junto com ela um grande mercado de cursos projetados para atender a tal demanda. A educação, que se torna um campo de investimentos calculados com objetivo de retorno financeiro passa a ser procurada como um instrumento de competição para o mercado de trabalho. Cursos de diversos tipos, como cursos de línguas, informática, oratória, inteligência emocional, marketing pessoal, entre outros passam a ocupar um espaço crescente na formação dos indivíduos, acompanhando o avanço das tecnologias empregadas no mercado. Como por exemplo o curso de datilografia, antes tido como um diferencial, tornar-se obsoleto, suplantado pelos cursos de instrumentos digitais. Os cursos que mais se disseminam deixam de ser vistos como vantagem para enfrentar a concorrência do mercado tornando-se pré-requisito para a competição.

Uma das consequências dessa mudança no campo do mercado de trabalho e na mentalidade do próprio trabalhador é ressaltada no livro *24/7: capitalismo tardio e o fim dos sonos*, por Johnathan Crary. Considerando o aumento no estímulo por concorrência e por produtividade, Crary irá se referir ao novo mundo produtivista do capitalismo tardio como dentro de um sistema 24/7. Trazendo uma variedade de exemplos, o autor mostrará as diversas representações sociais do estado de sono e vigília na história e como gradualmente os espaços públicos passam a ser planejados com o objetivo de impedir o sono (CRARY 2016, p.36). Irá ilustrar como o avanço da tecnologia e diversas instituições de pesquisa, principalmente ligados a área militar, estão tentando gradualmente reduzir o tempo de sono dos indivíduos aumentando ainda mais sua produtividade. 24 horas 7 dias por semana e irá se referir a ele como:

[...] um estado de emergência, quando refletores são acesos de repente no meio da noite, aparentemente como resposta a circunstâncias extremas; jamais são

apagados, porém, e acabamos por nos habituar a eles, numa situação permanente. O planeta é repensado como um local de trabalho ininterrupto ou um shopping center de escolhas, tarefas, seleções e digressões infinitas, aberto o tempo todo. A insônia é o estado no qual produção, consumo e descarte ocorrem sem pausa, apressando a exaustão da vida e o esgotamento de recursos. (CRARY 2016, p27)

Valores característicos do campo da economia iniciam uma migração para o domínio de outros campos da vida, como a educação. Segundo Sylvio de Souza Gadelha Costa, tais valores, ao migrarem para o domínio da vida social, ganham poder normativo “instituindo processos e políticas de subjetivação que vêm transformando objetos de direitos em indivíduos micro-empresas – empreendedores”. Com o enfoque da economia sobre o estudo deste novo tipo de capital, a cultura do empreendedorismo passa a decantar do campo da economia para o campo empresarial e, posteriormente, para o da educação, sendo abordadas como matéria escolar e cristalizando como senso comum. A cultura do empreendedorismo passa a ser levada pelos alunos para fora da escola, levando-os a procurarem cada vez mais especializações.

Como produto da normalização da cultura do empreendedorismo, outro fenômeno passa a se manifestar: o fetichismo do currículo. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, pensando o currículo sob uma abordagem pós-estruturalista, “o currículo, tal como a cultura, é compreendido como: 1) uma prática de significação; 2) uma prática produtiva; 3) uma relação social; 4) uma relação de poder; 5) uma prática que produz identidades sociais” (SILVA, 2001, p.17). Sendo o currículo, segundo o autor, uma forma de representação na qual seus arquitetos não percebem seu caráter de criação, mas o naturalizam, o currículo seria dotado de um fetiche, reflexo da identificação do indivíduo através do currículo. Sendo um objeto socialmente aceito como legitimador do domínio sobre certo conhecimento, o currículo é visado como a base da estruturação não apenas da formação do indivíduo como profissional, mas da formação dos próprios indivíduos como personalidades. Os itens colocados no currículo, sob a ótica da teoria do capital humano, vão ganhar cada vez mais valor de mercado, valor econômico. O currículo, que em primeira instância é interpretado como reflexo do perfil profissional do indivíduo, torna-se então um “mercado de ações”, incitando cada vez mais o consumo de investimentos ou cursos profissionalizantes, que representarão o perfil do indivíduo moderno.

### **1.3 – Sociedade de consumo e a busca por destaque**

Paralelamente ao avanço e mudanças no mercado de trabalho, a esfera do consumo, indissociável do processo de produção, encontra-se em processo de crescente ressignificação. O

consumo, que é profundamente impactado pelo advento da produção em massa, torna-se cada vez mais massificado e efêmero para dar sustentação à grande produção. O consumo aqui não é mais pensado unicamente como o de bens materiais destinados a saciar necessidades básicas, como moradia, alimentação e conforto; passa a possuir uma variedade de valores simbólicos representando principalmente a modernização. A sociedade de consumo rapidamente se instaura com o advento da moda e da propaganda, ressignificando o mercado anteriormente visto como representação de relações mercantis para expressões do espírito humano e símbolo de cultura (RETONDAR 2007).

Bens materiais transcendem seu status único de utilidade, tornando-se “comunicadores”, símbolos de distinção social, estilos de vida e identidade. O consumo torna-se então um dos principais norteadores da sociedade moderna, ocupando um espaço cada vez maior dentro do mundo da vida. Dentro da esfera do consumo passam a ser moldadas as subjetividades individuais junto com sua própria visão de mundo. Citando Colin Campbell:

A sugestão é que o próprio consumo pode propiciar a significância e a identidade que os seres humanos modernos tanto desejam, e que é em grande parte através dessa atividade que os indivíduos podem descobrir quem são, e conseguir combater seu senso de insegurança ontológica. (CAMPBELL 2006, P.63)

Entretanto, não é apenas o consumo de bens materiais que nos chamam a atenção. Como consta na definição de mercadoria feita no início do capítulo e foi esclarecido durante seu desenvolvimento, serviços prestados por indivíduos a outros, como também constam como mercadoria que visa a satisfação de uma necessidade

Com o advento da modernidade tardia, Zygmunt Bauman irá defender que a lógica característica do consumo, de grande fluidez e descartabilidade, passa a ser utilizada em outras esferas da vida, sendo aplicadas para relacionamentos, identidade e mercado de trabalho. O autor postulará que o próprio indivíduo passa a se transformar em mercadoria para conseguir se adaptar as novas cobranças realizadas pelo sistema, dando três exemplos para ilustrar o processo: a cobrança cada vez maior da manutenção de um perfil ativo nas redes sociais, que em alguns países já se tornou o maior meio de socialização; a automação de filtros de clientes em operadoras telefônicas, dificultando a resolução de problemas dos clientes classificados como pouco rentáveis; e o sistema de pontos já utilizado por alguns países que, através do currículo dos imigrantes, irá definir quais terão permissão ou não de atravessar suas fronteiras baseados nos interesses do país (BAUMAN 2008, intro). Segundo o autor:

[...] todas as três categorias de pessoas, aparentemente tão distintas, são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que tem à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas. (BAUMAN 2008, p.13)

Além do processo de transformação do indivíduo em mercadoria de forma objetiva, Bauman afirma que o processo também ocorre a nível subjetivo. Na sociedade de consumidores, aqueles indivíduos que estão sujeitos a socialização passam a ter como parâmetro as características de uma mercadoria atraente. Dentre as necessidades artificiais que surgem com a sociedade de consumidores, uma das mais impactantes torna-se a de representar uma mercadoria atraente para a manutenção da posição social e ser socialmente reconhecido. As metas sociais passam a ser construídas através de referências midiáticas e o sonho de tornar-se famoso torna-se endêmico.

A tarefa dos consumidores, e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis “que flutuam com igual gravidade específica” e assim captar o olhar dos consumidores (blasé!)... (BAUMAN 2008, p.21)

A vida do sujeito gradualmente passa a se inserir dentro da esfera do consumo e as vivências pelas quais os indivíduos formariam suas identidades aos poucos monopolizadas pelo mundo sistêmico. Esse processo resultaria na formação de uma subjetividade específica, interpretada como expressão da identidade do sujeito moderno, porém submetida a um auto grau de controle. O autor trabalhará com o conceito de *fetichismo da subjetividade*, que irá considerar a subjetividade do indivíduo como reflexo do sistema consumista mas naturalizado como expressão de identidades particulares.

A influência da meta socialmente estabelecida de corresponder a um perfil de mercadoria atraente estará também intimamente ligada às relações de trabalho. O perfil do trabalhador ideal, o preferível, passa a adquirir uma nova definição. Um exemplo dessa idealização é a classificação de trabalhadores de acordo com seu “índice de chateação”. São aqueles empregados de perfil flutuante, “descomprometidos”, que moram perto do trabalho, estão aptos a atender a chamados de emergência e atribuições extra que passam a ser classificados pelos empregadores como dentro do perfil “chateação zero” (Hochschild, 1997). As cobranças relacionadas ao mercado de trabalho passam a exigir que o indivíduo apresente uma nova maneira de administrar sua vida, seja no que se



refere ao local de moradia até seu planejamento familiar. A idealização de um trabalhador flexível e produtivo, além do impacto sobre o gerenciamento da vida, dá margem ao surgimento do sujeito regido pela lógica competitiva do neoliberalismo. Torna-se responsabilidade do indivíduo a busca por aumentar seu capital humano, por tornar-se cada vez mais produtivo, levando a jornadas de trabalho cada vez maiores, ao hábito de trabalhar em casa e à redução do tempo de sono.

#### **1.4 – Consumo de títulos e acúmulo de capital humano**

Observamos que foram grandes as mudanças nos modelos de produção depois da invenção da máquina nesses dois últimos séculos, como as graduais mudanças no modelo de produção afetaram principalmente o trabalhador, que precisou se adaptar a demanda por uma mão de obra mais especializada. A educação passa a ser observada, principalmente pelos detentores dos meios de produção, como um investimento em seu negócio. O trabalhador especializado, associado à tecnologia, produziria maior lucro. Observamos como o resultado dessa mudança de perfil do trabalho tem influência direta na forma como o trabalhador organiza sua vida material e subjetiva. Porém, até onde o mesmo trabalhador tem ciência desta cadeia de eventos? Como o mesmo representa tais fenômenos?

Como mencionado anteriormente, todo esse processo de transição do perfil do trabalhador ocorre simultaneamente à ascensão da sociedade de consumo. Tal mudança estrutural na cultura afeta as representações dos indivíduos acerca do mundo. De forma sintética, Bauman irá definir:

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. (BAUMAN 2008, p.71).

O sociólogo polonês irá ressaltar que a sociedade de consumidores traz aos indivíduos uma lógica específica que transpassa suas diversas esferas da vida, resignificando-as aos preceitos postos pelo consumismo. Entretanto, o trabalho e até mesmo a formação do indivíduo são mercadorias-signo consumidas pelos indivíduos. Sabendo que precisarão de certas características para tornarem-se competitivos para o mercado de trabalho, as pessoas se encontram cercadas cada vez mais por instituições que competem entre si para fornecer tal formação, levando o indivíduo a posição de consumidor passeando dentro de um super-mercado de instituições cuja formação, além

de munir os indivíduos de características técnicas e intelectuais, tornam-se, como vimos através do fetichismo do currículo, itens dotados de valor simbólico que legitimarão suas capacidades.

Tais mercadorias são incessantemente consumidas como símbolos de competência, de distinção dentro do mercado de trabalho e das relações sociais. Os cursos profissionalizantes são utilizados, fazendo uma analogia com os conceitos bourdieusianos de campo e capital, como o capital escasso disputado pelos indivíduos dentro da nova configuração do campo, que seria o mercado de trabalho. A educação do indivíduo, mercantilizada como investimento lucrativo na perspectiva da teoria do capital humano, como exigências da disputa do mercado de trabalho, é naturalizado pelo indivíduo e se traveste como expressão de sua subjetividade, de sua identidade, constituindo o processo de transformação do indivíduo em mercadoria através do fetichismo da subjetividade.

A formação profissional do indivíduo é ressignificada como a jornada para atingir uma identidade projetada para si, como advogado, médico, diplomata, porém dentro do espectro do socialmente acatado como indicativo de sucesso, de distinção. Essa trajetória de formação dos indivíduos, que passa a ser iniciada cada vez mais cedo com o investimento familiar, é marcada pelo consumo de vários títulos e habilidades dentro de um mercado formado especialmente para isso.

No Brasil, por exemplo, podemos citar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou o Sistema de Seleção Unificada (SISU) como ponto de transição de duas etapas na vida de um indivíduo em busca de formação profissional. As provas tem em comum a exigência de um conjunto de conhecimentos necessários para adentrar nas universidades, conhecimentos estes teoricamente adquiridos na formação escolar. O resultado de tal exame cumprirá o papel de indicativo do conhecimento acumulado pelo indivíduo em sua trajetória escolar e legitimará suas condições para tornar-se universitário. No entanto, o processo preparatório para tal exame não ocorre unicamente dentro das escolas. Forma-se um mercado de cursos auxiliares a formação dos alunos especializados em provas vestibulares ou focados em um dos critérios do exame, como cursos de português, matemática, química, etc.

A mesma lógica se aplica ao mercado de trabalho. Observamos cursos diversos especializados em competências para o mercado ou mesmo cursos que prometem construir indivíduos mais aptos a concorrência, como cursos de marketing pessoal ou relações interpessoais. Encontramos, às palavras utilizadas por Lopes-Ruiz, um mercado formado pela venda de capacidades, destrezas, aptidões que irão caracterizar as pessoas como indivíduos competentes e fortes competidores a uma vaga no mercado de trabalho, ou, como é vendido por tais instituições de formação, que irão caracterizar indivíduos de sucesso.

Tal mercado de formação vende, portanto, uma mercadoria específica que, dentro da

conjuntura da sociedade de consumo, encontra-se dentro da categoria de mercadoria-signo, mesmo não possuindo materialidade. Tais mercadorias poderão ser utilizadas, além de seu sentido prático de acúmulo de competências e comprovantes das mesmas (certificados), como expressões de uma individualidade, identidade, poder, etc. A lógica da cultura empreendedora, expressa no consumo de características para a construção do indivíduo mercadorizado para o mercado de trabalho, de formação de indivíduos para o sucesso, torna-se uma forte prioridade na modernidade a qual passa a organizar e gerenciar desde cedo suas vidas.

## **Esforços Metodológicos**

### **Elaboração e aplicação dos instrumentos de coleta de dados**

Considerando o intuito de pensar a formação dos indivíduos na modernidade e do impacto da cultura do empreendedorismo em sua visão de mundo e gerenciamento da vida, particularmente na conjuntura da sociedade de consumo, vale ressaltar algumas peculiaridades para a contextualização da metodologia utilizada no trabalho.

Como observado no capítulo anterior, o indivíduo moderno está sujeito a fetichização de sua subjetividade, permitindo que os processos de construção da mesma sejam interpretados como expressão de sua identidade, ignorando sua formação guiada por metas socialmente estabelecidas. Considero aqui especificamente a natureza desse processo de construção e ressignificação das exigências feitas pelo mercado de trabalho como trajetórias individuais por profissões representadas como auto-realização e símbolo de sucesso social. Outra ressalva conceitual a ser feita neste capítulo é a de que tal processo de fetichismo da subjetividade será tratado como mercadorização do indivíduo na perspectiva de um processo de formação. Tal processo ocorreria dentro de um mercado formado por instituições especializadas no desenvolvimento/ensino das diversas habilidades/conhecimentos necessários na competição por uma vaga no mercado de trabalho.

Questões relevantes surgem de tais considerações. Que recorte dar para melhor visualização e análise do fenômeno? Qual seria ou seriam os melhores instrumentos para a coleta de dados? Por onde começar? A palavra metodologia provém do Latim “Methodus” significa “caminho ou via para a realização de algo”. Tratando-se de um capítulo metodológico, pretendo abordar no mesmo o caminho traçado para a elaboração da abordagem dada para a análise da problemática e como o mesmo se consolidou na escolha do recorte da pesquisa e nos instrumentos utilizados na mesma.

### **2.1 – Escolha do campo e do objeto**

Na abordagem de Bauman, o indivíduo no contexto da contemporânea sociedade de consumidores seria influenciado a apresentar-se como uma mercadoria atraente nos diversos campos sociais. Damos a prioridade de análise de um em especial, o mercado de trabalho. Neste campo, a disputa se daria através da legitimação das competências individuais para exercer suas funções; tais competências, entretanto, são utilizadas como mercadoria por um emergente mercado de formação de mão de obra que vai se renovando juntamente com as tecnologias utilizadas no trabalho. O indivíduo, portanto, buscaria tais instituições de formação para aumentar seu valor e suas chances de competição.

Encontramos, entretanto, um grande número de cursos profissionalizantes especializados em uma significativa variedade de características voltadas a esse mercado. A escolha do campo no qual faria o estudo se deu mediante a duas considerações: a grande procura pelo maior número de participantes, no intuito obter uma maior amostra do meu objeto, e a facilidade de acesso ao campo. Observamos que, com a massificação de determinadas faculdades, as mesmas passam a deixar de ocupar a posição de diferencial na disputa, sendo tidas já como pré-requisitos para a entrada no mercado. Dentre essas habilidades encontra-se o domínio da língua inglesa. Tida como língua universal devido à influência dos Estados Unidos da América e da Inglaterra, a popularização do inglês atingiu proporções mundiais, dando uma maior flexibilidade aos profissionais que dominassem a língua tanto para tratar com indivíduos do exterior ou mesmo com produtos importados cujas instruções viam em inglês ou lidar com conteúdo virtual. O domínio da língua inglesa torna-se, desta forma, um diferencial desejado no currículo dos trabalhadores mais especializados.

Encontramos um grande número de instituições especializadas no ensino de línguas ou particularmente do inglês, número este que aumenta junto com a demanda pelos mesmos. O domínio da língua, com sua massificação, perde seu patamar de distinção considerando a grande quantidade de pessoas que o possuem, porém colocando o indivíduo que não a apresenta em grande desvantagem em relação aos outros. Reconhecendo o peso do inglês no currículo de grande parte dos setores do mercado de trabalho, se presume que também seja um dos principais cursos procurados.

## **2.2 – Especificidades do Campo**

O curso escolhido para a pesquisa foi o curso de inglês, mais especificamente os disponibilizados pela instituição CODISMA (Cooperativa Cultural e Distribuidora de Material Escolar da UFPB de Responsabilidade LTDA). Houveram tentativas de entrar em contato com outros cursos de línguas além da CODISMA, porém devido a dificuldades de estabelecer este contato com os administradores dos mesmos inviabilizou o acesso à estas instituições. A instituição, constituída desde 1962 em João Pessoa, é caracterizada pela sua forte parceria com a Universidade Federal da Paraíba, e foi escolhida como campo para a aplicação da pesquisa por reunir indivíduos universitários e não universitários que se interessam em aprender a língua tanto para aumentar suas oportunidades no mercado de trabalho quanto no meio acadêmico, tendo em comum o objetivo de melhorar o currículo. O CODISMA possui duas unidades, a sede e o anexo, que se localizam, respectivamente, no interior e nos arredores da universidade. Através dos funcionários do local, diversas informações acerca da infraestrutura da instituição foram coletadas. A instituição apresenta

alguns benefícios para os alunos universitários, como facilidade de acesso devido a sua localização e desconto para os alunos matriculados na universidade.

O curso de inglês oferecido pela instituição possui vários módulos, cada um deles de duração de um semestre. Os módulos oferecidos vão desde o Inglês Básico até o Inglês Avançado, compondo um total de dez módulos sequenciados, o que levaria cinco anos para concluir. Os alunos que entram na instituição, entretanto, passam por uma entrevista para testar o nível de seu inglês e ser encaminhado para turmas mais adequadas para o seu desenvolvimento, não precisando iniciar pelo nível básico. As aulas são realizadas na instituição pelas manhãs, tardes e noites, de segunda à sábado.

A aproximação com o campo se deu através da diretoria da instituição, mediante a apresentação da pesquisa informando o seu objetivo, os motivos de estarem sendo realizadas e apresentação de uma declaração escrita pelo orientador deste trabalho. A instituição se mostrou receptiva e atenciosa, não apresentando complicações para a aplicação da pesquisa.

Com o intuito de selecionar de forma mais eficiente os indivíduos que comporiam a pesquisa, foi colocado um filtro de idade de 17 a 25 anos. Tal margem etária foi escolhida devido a compor a idade na qual os indivíduos normalmente iniciam suas experiências dentro do campo universitário e do trabalho e foi posto no intuito de selecionar aqueles que procuraram o curso no intuito de formação interessada em sua carreira. Mediante ao questionamento se a percepção do indivíduo sobre a importância do inglês no mercado se apresentaria unicamente na entrada do indivíduo na instituição ou em toda sua trajetória de formação e de que formas esse processo está representado para o sujeito foram escolhidos os alunos do inglês Básico I e II e os alunos dos três últimos módulos de inglês do CODISMA, no intuito de ter acesso ao discurso inicial acerca das motivações que levavam os alunos a procurarem por cursos de inglês e pensar o desenvolvimento de seu discurso ao longo do tempo, já com um domínio maior da língua.

### **2.3 – Desafio metodológico**

Surge o desafio de contextualizar o fenômeno aos alunos estudantes de inglês de uma escola de línguas cuja unidade central está localizada dentro de uma universidade federal e sua unidade secundária tangenciando a mesma. Primeiramente o esforço de analisar teoricamente a trajetória da mentalidade mercadorizante, pensando as variáveis que serviriam de motivação para sua ascensão e consolidação como norma, considerando a variação de sua intensidade de acordo com o a influência do capitalismo no local. O fenômeno se manifestará com menos intensidade em João Pessoa que em São Paulo, por exemplo, mediante as diferentes cobranças relacionadas a competitividade do mercado de trabalho nas duas capitais. Em segundo lugar, analisar a representação de tal

competitividade para os indivíduos e a forma como os mesmos apresentam preocupações quanto a sua preparação para o mesmo. Considerando o novo mercado de cursos profissionalizantes como uma realidade concreta, analisar a forma como os produtos oferecidos por este novo campus servem de capital para a disputa simbólica entre os indivíduos, por exemplo, ao concorrer a uma vaga no mercado de trabalho.

Métodos quantitativos e qualitativos foram utilizados mediante a dificuldade de uma análise mais precisa do fenômeno segundo o entendimento de que ambos os métodos apresentariam resultados distintos porém complementares. A parte quantitativa da pesquisa se deu através de questionários aplicados de questões de múltipla escolha. Teria por objetivo coletar dados acerca das proporções estatísticas das características que compunham os alunos do CODISMA. A parte qualitativa teve o intuito de revelar a intensidade com a qual o fenômeno analisado se manifestava nas respostas dadas pelos alunos a perguntas feitas sob o formato de entrevistas semi-estruturadas gravadas sob a autorização do/a entrevistado/a e posteriormente transcritas.

## **2.4 – Instrumentos de Pesquisa**

Através dos métodos supracitados, foi traçado o perfil socioeconômico dos alunos da instituição e identificados elementos de seus discursos para análise posterior. Tanto as perguntas que compuseram o questionário, como as que fizeram parte das entrevistas, foram atualizadas durante o trabalho de campo no intuito de otimizar sua compreensão pelos alunos. Vale salientar que o questionário foi passado por todos os alunos das turmas do inglês básico I e II e das duas últimas turmas do inglês avançado, enquanto a entrevista foi feita considerando a faixa etária dos indivíduos, mantendo-se no recorte entre 17 e 24 anos. Além da aplicação dessas duas ferramentas de coleta de dados, houve a preocupação de associar cada entrevista com seu respectivo questionário, de forma a possibilitar uma melhor análise.

O contato com os estudantes se deu através da própria instituição. Com a autorização dos professores que ministravam as aulas, foi distribuído questionários para os alunos no horário do intervalo, ressaltando o caráter voluntário da participação. As entrevistas foram realizadas no final das aulas seguindo o mesmo caráter voluntário, apenas por aqueles alunos que se dispuseram a passar um pouco mais de tempo na instituição. Foram realizadas no ambiente de reunião dos professores da instituição, uma sala fechada, com um indivíduo de cada vez, de forma que os outros não tivessem acesso às suas respostas.

O questionário foi composto de dez questões básicas que consideravam: o nome do estudante ( no questionário consta que foi usado apenas para fins de organização); Idade; Sexo; Etnia (contendo as categorias de índio, negro, pardo, branco e outros); renda familiar; formação;

formação parental; se o aluno cursou ou cursa o ensino médio em escola pública ou particular; uma pergunta para especificar a escola de línguas na qual estudava (que acabou se mostrando desnecessário, já que a pesquisa findou sendo realizada apenas no CODISMA); e uma última referente ao nível de inglês do estudante, mediante ao nível da sala na qual estudava. O questionário foi construído com o objetivo de traçar o perfil sócio-econômico dos diferentes alunos da instituição, o que permitiria a comparação, principalmente, entre os perfis dos alunos que começavam o curso e daqueles que terminavam.

As quatro primeiras questões (nome, idade e sexo) visavam traçar o perfil do aluno quanto ao perfil geracional e de gênero; a quinta questão (referente a renda familiar) tinha o propósito dar dimensão do nível de capital econômico do qual o aluno dispunha; as questões de número seis, sete e oito (referentes ao nível de formação do aluno, formação parental e escola na qual estudou) propunham dar uma ideia da base de formação escolar e familiar do indivíduo; a nona e décima questões (referentes à instituição na qual estudava e nível da língua) possuem função de categorização dos indivíduos mediante ao grupo de alunos do inglês básico ou inglês avançado.

Foram aplicados 66 questionários abrangendo seis salas do inglês básico, representando 52 questionários; e todas as salas dos últimos três níveis do inglês, resultando em um total de 14 questionários. Os questionários foram aplicados nos intervalos das aulas ou mediante a permissão dos professores responsáveis pela turma. O questionário foi modificado apenas uma vez, apenas para a retirada de uma questão devido a apresentar caráter repetitivo e redundante.

O questionário permitiu coletar uma grande quantidade de dados de forma objetiva, permitindo, posteriormente, a quantificação e comparação dos resultados de cada uma das perguntas em categorias distintas como formação, nível da língua, sexo, etc. O questionário se mostrou um facilitador para a formação de dados estatísticos de proporção entre os dados coletados, permitindo uma visualização mais abrangente das proporções estatísticas de cada dado.

As entrevistas foram realizadas de forma semi-estruturada guiada por um roteiro de treze questões, abarcando temas como os motivos pela escolha da instituição, possíveis vantagens adquiridas com o diploma de inglês, objetivos do indivíduo para depois que terminasse o curso na instituição, opinião do mesmo acerca da importância do inglês na vida cotidiana e referentes ao que poderia fazer a diferença na disputa por uma vaga no mercado de trabalho. As questões foram organizadas e ordenadas de forma a manter aquelas referentes aos interesses do indivíduo no início, sendo seguidas pelas que abordam seus objetivos futuros, para então serem introduzidos ao tema do mercado do trabalho e, por último, uma pergunta referente a quais possíveis cursos, no caso de terem tempo, disposição e recursos, gostariam de realizar.

Podemos separar as questões em cinco temas principais: (1) perguntas referentes às vantagens daquela instituição de ensino que a levou a ser escolhida para estudar; (2) vantagens que



o término do curso traria aos indivíduos e seus planos para depois de sua formação no inglês; (3) a importância dada pelos indivíduos para o aprendizado da língua e a importância que os mesmos percebem da mesma no dia a dia; (4) cursos realizados anteriormente ao de inglês e sua importância; (5) e questões referentes ao mercado de trabalho e outros possíveis cursos que o indivíduo gostaria de realizar.

As questões do primeiro tema tiveram por objetivo coletar as diferentes justificativas para a escolha daquela instituição de línguas, mais especificamente quais seriam as variáveis que pesam mais no momento da escolha de um curso profissionalizante, podendo revelar prioridades entre praticidade e qualidade de formação, além de preocupações relacionadas a motivação inicial de cursar inglês. O segundo tema teve como objetivo a utilidade que aquele curso traria para o indivíduo em sua própria perspectiva, considerando as possíveis vantagens trazidas pela simples posse do diploma em inglês e vantagens trazidas pelo domínio do inglês, além de desmistificar de que forma o indivíduo faria uso das mesmas. Saindo um pouco do plano dos objetivos do indivíduo referentes a si, o terceiro tema visa dar um pequeno vislumbre acerca do comprometimento do indivíduo com o curso, considerando a relação de prioridade das aulas de inglês e outros compromissos, sendo questionada também a relevância prática do domínio da língua inglesa em sociedade. O quarto tema terá a pretensão de elencar quais os cursos além do de inglês são procurados pelos alunos considerando seus planos futuros, considerando um público majoritariamente universitário. O quinto e último tema das entrevistas, ao contrário do quarto tema, que abordava os esforços anteriores, visava os esforços futuros que os alunos, mediante a disponibilidade de recursos, tinham a intenção de realizar, além de traçar suas próprias impressões acerca dos elementos que tornariam um indivíduo competitivo no mercado de trabalho, permitindo uma comparação entre a idealização dos mesmos com suas estratégias de formação.

Fugindo as perguntas contidas no questionário, foram realizadas perguntas relacionadas a especificidades contidas nas respostas dos indivíduos, que visavam o esclarecimento de temas caros aos mesmos ou respostas cujo o tema fugia ao espectro comum de respostas. Elucidar, por exemplo, o significado dos termos ou funções de cursos realizados por um estudante de gastronomia que pretendia fazer mestrado em produção de vinhos, ou então a importância dada pelos estudantes a um intercâmbio fora do país, ou até mesmo a relação dos mesmos com pessoas que tem relações diretas ou indiretas com a instituição e influenciou na escolha pela escola de línguas. Foram aplicadas dezenove entrevistas no total com alunos dentro da faixa etária entre 17 e 25 anos de idade, dez foram aplicadas com alunos do inglês básico e nove com alunos das duas últimas turmas do inglês avançado.

## **CONDIÇÕES, ETAPAS E REFLEXO DA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA MERCADORIA-TRABALHADOR**

As observações que apresentarei a seguir podem ser abordadas sob diversas perspectivas. Foi possível observar uma grande variedade de dados que, embora tangenciem a nossa pesquisa, caso fossem explorados com a devida atenção poderiam se tornar o tema de outros trabalhos do mesmo porte, senão maiores que este. Como em toda pesquisa, entretanto, no intuito de me manter fiel ao tema proposto inicialmente, se fez necessário ignorar parte destas informações excedentes, me permitindo organizar os dados que de fato contribuem para a nossa análise nos seguintes temas principais, que também darão os títulos dados aos segmentos deste capítulo: a influência estrutural da globalização sobre o mundo da vida e a esfera do trabalho; as etapas da preparação do indivíduo para o mercado de trabalho; e Impressões sobre a excelência profissional no âmbito objetivo e subjetivo.

Estes segmentos foram organizados e fundamentados a partir dos questionários e das impressões dos entrevistados acerca do mundo da vida e do trabalho, impressões estas construídas em diversos momentos no decorrer de suas vidas, tanto nos processos de educação quanto constatações feitas a partir de experiências práticas. Tais impressões nos são caras na medida em que dão voz à valores inculcados pelos indivíduos durante seus diferentes processos de socialização. Nossa análise estará centrada nas semelhanças de seus depoimentos, nos permitindo desta forma perceber o potencial estruturante de determinados princípios que herdamos do capitalismo.

Vale salientar também que parte das considerações levantadas se referem ao recorte de estudantes escolhidos para a pesquisa, não devendo ser generalizadas para o restante da sociedade, em decorrência principalmente das diferentes formas como os fenômenos sociais podem se expressar.

### **3.1 - A influência estrutural da globalização sobre o mundo da vida e a esfera do trabalho**

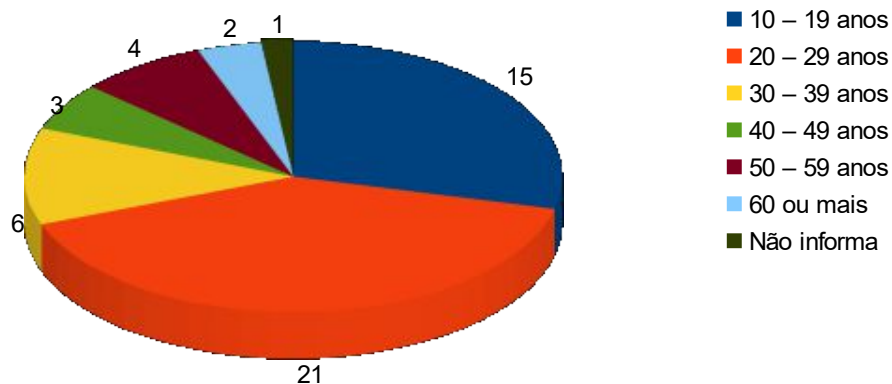
No presente trabalho concordamos com a definição de globalização como sendo o processo pelo qual o intercâmbio econômico e cultural entre os países e nações se intensifica, principalmente com o desenvolvimento de novas tecnologias como a internet. Vivemos hoje em um mundo globalizado onde o contato intercultural se expressa a cada instante, embora diversas vezes de forma conflituosa, nas mais variadas esferas da vida. O intercâmbio cultural, principalmente com o advento das redes sociais, impera de tal modo que tornou-se natural o consumo de cultura estrangeira, como podemos citar o exemplo de filmes e músicas vindas de todos os lugares do

planeta, trazendo a cultura mundial para o nosso cotidiano cada vez mais, muitas vezes de forma imperceptível.

Tal fenômeno não passa despercebido pelo mercado de trabalho. Mais e mais as empresas passaram a aumentar sua produção levando em consideração o consumidor globalizado. O mercado externo torna-se uma possibilidade cada vez mais viável e o fluxo de informações vindas de diversos polos torna-se mais acessível. Falamos de duas características que se expressam como reflexo da globalização, a necessidade de considerar o mercado e consumidores estrangeiros, e o acesso a conhecimento produzido internacionalmente. Ambos ganham cada vez mais espaço no Brasil, muitas vezes como prioridade sobre os consumidores brasileiros, levando diversas instituições a se adaptarem ao novo cenário e, por consequência, adaptando sua mão de obra.

Os efeitos da globalização são percebidos pelos entrevistados principalmente através das constantes cobranças feitas por um mercado de trabalho competitivo pelo obtenção de determinadas habilidades, dentre elas a de dominar a língua inglesa. Uma das formas de perceber o reflexo da influência estrutural da globalização é através da análise dos consumidores dos cursos de inglês, no nosso caso, da CODISMA. É reconhecido pelos indivíduos a necessidade desta língua nos diversos âmbitos da vida, tanto como instrumento para acessar informações como auxiliar na formação acadêmica/profissional. É possível observar numericamente através os alunos do inglês básico da instituição que o grupo de indivíduos que buscam o domínio da língua expressam diversos perfis sociais, variando sob a perspectiva da idade, renda, formação ou mesmo etnia. Como podemos atestar no gráfico 1.1, encontramos alunos a partir dos 13 anos de idade até os 67 anos de idade nas

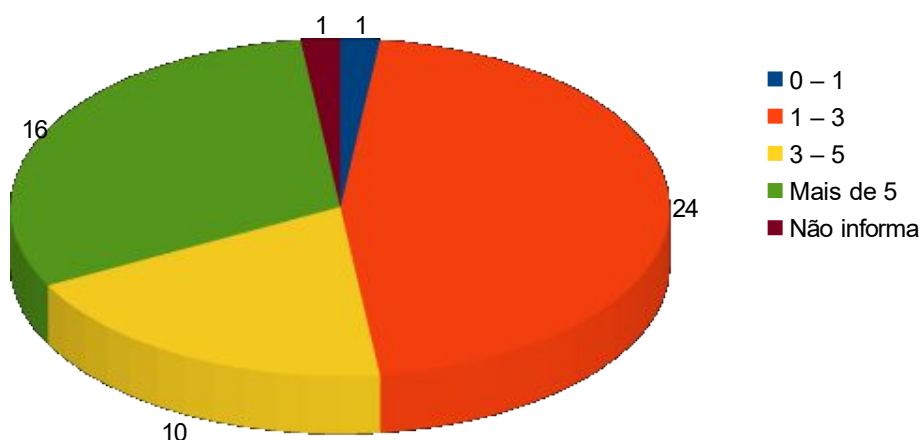
Gráfico 1.1 - Faixa etária dos alunos das turmas do inglês básico do CODISMA do primeiro semestre do ano de 2018.



tur  
mas  
de  
ingl  
ês  
bási  
co.  
A  
parti  
r do  
gráf  
ico  
1.2,

por exemplo, tendo o recorte composto por todos os indivíduos do inglês básico, podemos observar a predominância dos alunos com renda familiar igual ou inferior a três salários mínimos em decorrência aos outros grupos, comprovando que a busca pela língua inglesa no nosso recorte, até certo ponto, transcende às classes mais economicamente favorecidas, embora estas também representem uma boa quantidade do alunato.

Gráfico 1.2 - Renda familiar em salários mínimos dos estudantes das turmas do inglês básico do CODISMA do primeiro semestre 2018.



A instituição, embora se mostre atraente ao público universitário que menciona tê-la conhecido através da indicação de conhecidos, e que optaram pela mesma principalmente por motivos de proximidade de suas residências ou local de estudo, pelo preço da mensalidade e pelos bons comentários acerca dos professores da instituição, não tem necessariamente suas turmas básicas compostas por uma maioria de universitários. Como podemos observar no gráfico 1.3, a grande maioria dos estudantes do inglês básico do CODISMA é composta por estudantes que já concluíram o ensino superior, contrapondo a ideia de que a procura do inglês estaria resumida ao público universitário em decorrência dos benefícios oferecidos pela instituição a este público específico.

Diversas são as formas pelas quais os alunos passam a atribuir importância à língua inglesa. Dos 19 alunos entrevistados, 16 afirmaram que o inglês está constantemente presente em suas vidas cotidianas. Dentre os motivos, descrevem o inglês como uma língua universal, um código que permeia o dia-a-dia das pessoas e está constantemente presente nos seriados, nas instituições, na fala, na música, na internet, em resumo, nos mais diversos códigos e meios de comunicação, tornando a língua essencial para os indivíduos tanto na sua relação com o sistema quanto entre si. O inglês está posto como uma forma de adquirir conhecimento e controle sobre o mundo que os cerca,

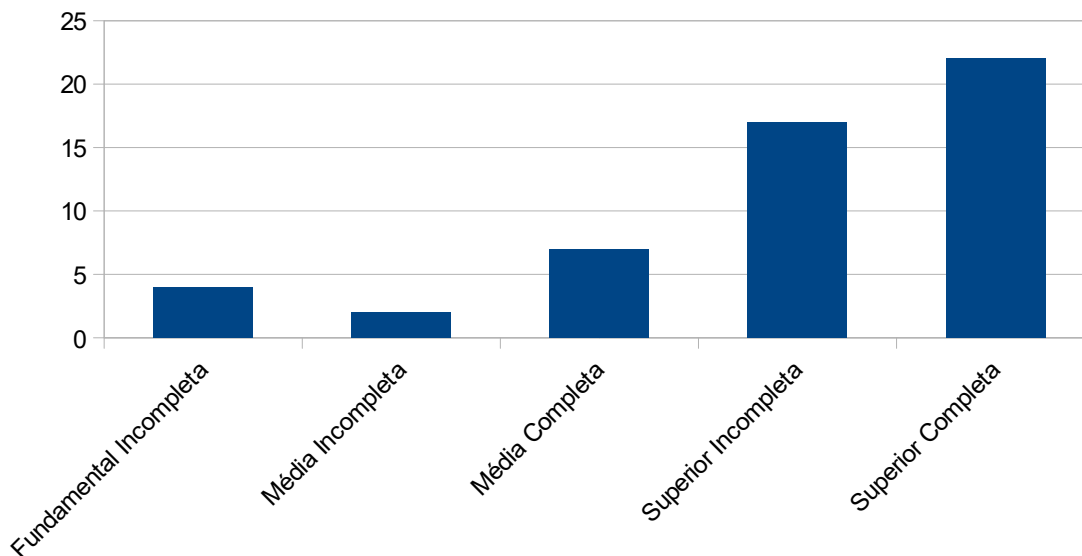
estando presente no nome dos alimentos, das instituições e dos comandos usados para operar equipamentos eletrônicos. Como disse o nosso entrevistado número 3:

Em qualquer situação, se você precisar falar uma língua, mesmo no Brasil, você vai ter uma noção... e até tudo, que hoje em dia muita coisa que é, a gente vai em um médico, tem coisa em inglês. Lá em Recife tem um hospital que tem o nome, uma parte é em português e uma parte é em inglês. É o mesmo nome mas muita gente não sabe qual é aquele dali. Então tem muita coisa que a gente já, que a nossa cultura, a gente já faz com o nome em inglês. (Entrevistado 3)

E mesmo:

“[...] o inglês é a língua mãe no mundo, para qualquer lugar que você vá o inglês é talvez a língua mais falada em todos os países, assim, estrangeira fora nacional, e para se comunicar com outras pessoas, para trabalhos acadêmicos que você leve a nível internacional é muito necessário. (Entrevistado 5)”

Gráfico 1.3 - Grau de formação do aluno de inglês básico do CODISMA no primeiro semestre de 2018.



Para além do uso mais cotidiano e banalizado do inglês, a importância da adaptação do sujeito ao novo cenário internacionalizado se mostra perceptível a partir do seu processo de formação até suas investidas para entrar no mercado de trabalho. Pensando inicialmente no âmbito escolar, boa parte da formação dos estudantes é voltada para a realização do Exame Nacional do

Ensino Médio, o ENEM, que avalia, entre outros, o conhecimento interpretativo dos indivíduos de textos em inglês. Já no âmbito universitário, a língua se mostra ainda mais presente.

Não foram poucos os estudantes que citaram a cobrança feita pela universidade da língua inglesa. Tal fato é observável desde o processo de estudo, no qual parte dos textos que são disponibilizados para os estudantes se encontram em inglês quanto na própria operacionalização de programas ou aparelhos tecnológicos, em sua maioria configurados na língua estrangeira, até mesmo na seleção de programas de iniciação científicas ou para a participação de projetos.

O inglês passa a ser uma cobrança estrutural que permeia o próprio campo acadêmico, muitas vezes hierarquizando as oportunidades de acesso priorizando os alunos de acordo com o domínio da língua. Podemos citar como exemplo o entrevistado 12 que afirma que “[...] tem alguns projetos que aparecem de vez em quando e as vezes a linguagem necessária é inglês ou espanhol”. Como outros exemplo podemos citar diversos alunos que relatam “Saber inglês é ter fluência, conseguir conversar com pessoas de fora, ler artigos em inglês, que são muito importantes.” (Entrevista 10) ou:

“Assim, eu acho que você consegue ampliar mais a sua mente, como eu te disse, o inglês é universal, então assim, ele está em todos os pontos. E na minha área, por exemplo, fisioterapia, tem equipamentos que tem o nome em inglês, tem exercícios que o nome ainda é em inglês, então sem saber inglês eu não ia saber me comunicar direito” (Entrevista 2).

Muitos dos alunos entrevistados buscam o inglês também pelo desejo de se aprofundar em suas respectivas áreas. Se não requerido durante o curso, a língua é essencial para poder disputar uma vaga nos programas de mestrado e doutorado, restringindo o acesso à formação aqueles que compreendem o idioma.

Fora do âmbito universitário, os entrevistados percebem como as instituições e o próprio mercado de trabalho passam a aumentar a cobrança pelo domínio do inglês para a concorrência ou permanência dos indivíduos nas mesmas. Presentes nas entrevistas de emprego, diversas vezes a ausência do inglês no currículo pode eliminar o indivíduo da concorrência a vagas de trabalho. Podemos citar o depoimento do entrevistado 14, professor de biologia e estudante do inglês básico, que trará o exemplo do aumento do número de escolas bilíngues às quais o professorado, segundo ele, teria de se adaptar. O mesmo entrevistado menciona conhecer diversas pessoas que, pela falta do inglês no currículo, foram desqualificadas de imediato para vagas na instituição. Como afirma o entrevistado 3:

“Eu acredito que, hoje em dia, muitas empresas, elas pedem já a fluências no inglês como um dos principais requisitos é você tá com qualquer curso superior geralmente e o inglês e, sei lá, um pacote de informática, mas, inglês é o principal. Eu acho que é, eu tenho o objetivo de falar como um nativo, mais ou menos.”

Assim como para o entrevistado 9:

“Porque eu acho que hoje em dia quem não sabe inglês tá fora, tá ligado? Tipo, o inglês já é algo que você tem que já saber, então tipo, não é uma língua diferencial, você tem que saber. Não é uma coisa que vá fazer você ser diferente, então você realmente tem que saber.”

O inglês, na visão dos estudantes, se mostra uma habilidade essencial para qualquer indivíduo que deseje disputar uma vaga no mercado de trabalho, variando os depoimentos que o classificam como elemento que irá diferenciá-los da concorrência ou sendo mesmo pré-requisito para concorrer às vagas. Tais posicionamentos em relação a língua são sustentados por diversas experiências que colocavam a língua inglesa como uma preocupação para os mesmos junto com a presença constante do inglês no dia-a-dia.

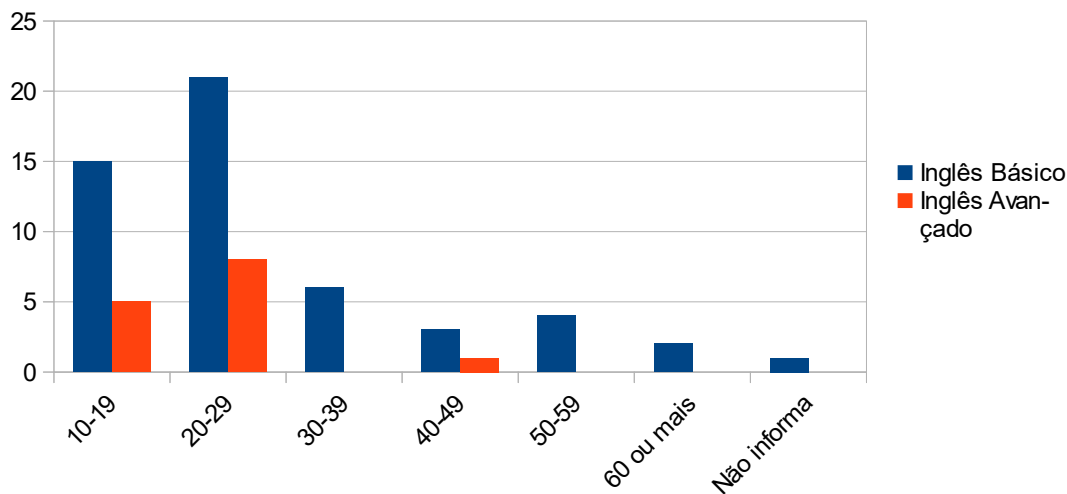
É inegável que, em decorrência a alta globalização vivida pelos países, saber falar inglês é uma habilidade necessária para o cidadão que deseja manter-se atualizado e apto a disputar uma vaga no mercado que cada vez mais se adapta ao novo panorama mundializado. Entretanto, considerando a crescente mudança estrutural advinda da globalização, para além de se perguntar como tal mudança é percebida, cabe questionar com qual eficiência os sujeitos imersos neste contexto se adaptam a ele.

Fomos capazes de perceber a variedade de indivíduos que buscam aprender o idioma inglês e por quais motivos os mesmos percebem tal habilidade como essencial, entretanto, analisando os questionários respondidos pelas turmas do inglês avançado, percebemos que nem todos aqueles que entram na instituição buscando aprender a língua se estendem em seus estudos. Realizando uma breve análise comparativa entre os alunos de inglês básico e inglês avançado é possível perceber fortes contrastes no que se refere a idade, renda e formação parental.

A primeira e mais notória diferença está na quantidade de alunos. Como podemos observar no gráfico 1.4, a quantidade de alunos do inglês básico é bem superior à quantidade de alunos que compõem o inglês avançado, sendo compostos respectivamente por um total de 52 e 14 anos. A discrepância entre a quantidade de alunos é um dado interessante, denunciando uma alta taxa de evasão do curso. Para começar a pensar este fenômeno, basta observar, no mesmo gráfico, que a quantidade de alunos do inglês avançado, além de ser bem inferior, é composta quase por completo pelo alunos que compõem as categorias de 10-19 anos e 20-29 anos (o mais velho tendo 24 anos),

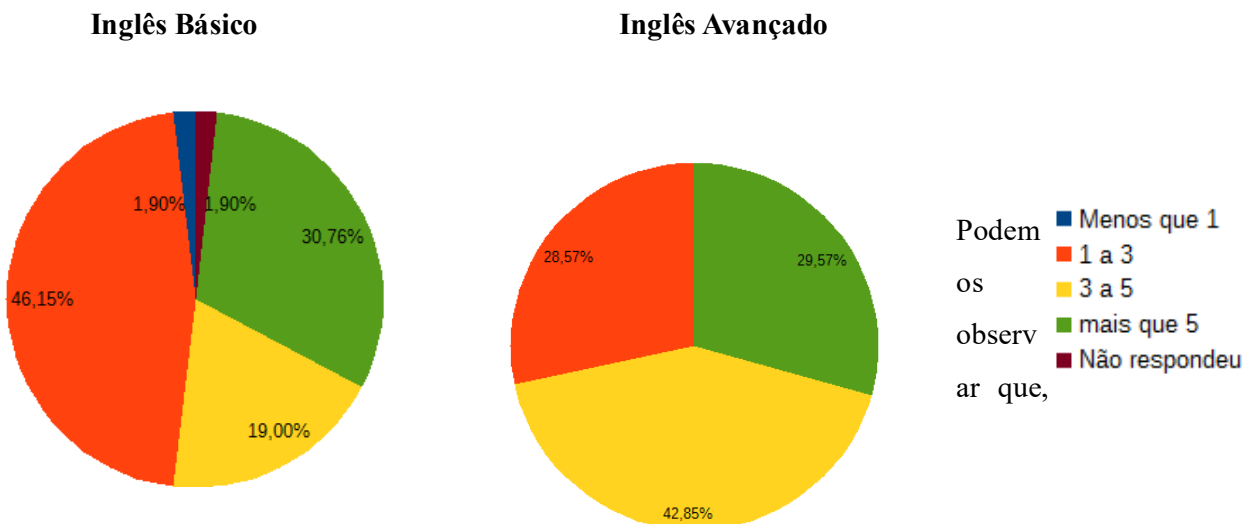
tendo apenas um indivíduo que foge à regra, definindo, desta forma, nosso panorama: os alunos que chegam ao inglês avançado, em média, iniciaram seus estudos no inglês com menos de 20 anos de idade, considerando o tempo necessário para passar do inglês básico I para o avançado.

**Gráfico 1.4 - Gráfico de comparação da idade entre os alunos do inglês básico e avançado do CODISMA primeiro semestre de 2018.**



A idade e quantidade dos alunos nos respectivos grupos, entretanto, são consequência dos seus respectivos perfis sociais. Quando utilizo o termo “perfil social”, não me refiro a um recorte unicamente referente a renda familiar, embora este também seja um dado importante. Pude constatar que os alunos do inglês avançado possuíam, além de uma renda média maior que aqueles do inglês básico, haviam estudado majoritariamente em escolas particulares e possuíam pais com maior formação. Os gráfico a seguir (Gráfico 1.5) foi construído no intuito de realizar uma comparação proporcional, através de porcentagens, das categorias apresentadas de ambos os grupos, inglês básico e avançado, com o objetivo de observar a variação percentual dos mesmos.

**Gráfico 1.5 – Gráfico comparativo da renda familiar em salários mínimos dos alunos do inglês básico e inglês avançado do CODISMA no primeiro semestre de 2018.**





nos gráficos acima, a porcentagem de alunos do inglês básico que possuem uma renda familiar de menos que um salário mínimo ou de um a três salários mínimos compõem aproximadamente 49% do contingente do alunato. Em comparação ao gráfico dos alunos do inglês avançado, percebemos que esse percentual cai para 28,5%, quase a metade. Observamos também que outro fator, como a formação dos pais, contribui para a permanência dos alunos no curso de inglês. Como fica evidente na tabela 1.1, no mínimo 50% dos consumidores dos cursos de inglês básico possuem ao menos um dos pais com ensino superior completo, esta porcentagem sobe ainda mais quando lidamos com os alunos do inglês avançado.

**Tabela 1.1 – Tabela comparativa do maior grau de formação de ao menos um dos pais entre os estudantes do inglês básico e inglês avançado do CODISMA no primeiro semestre de 2018.**

Maior grau de formação de ao menos um dos pais	Inglês Básico	Inglês Avançado
Ensino superior completo	26 (50%)	10 (71%)
Ensino médio completo	16 (30%)	3 (21%)
Ensino médio incompleto	10 (20%)	1 (9%)
Total	52 (100%)	14 (100%)

Vale salientar que as variáveis “formação dos pais” e “renda familiar” nem sempre estão diretamente correlacionadas. No grupo de alunos do inglês avançado encontramos alunos com renda família inferior a três salários mínimos que possuíam ao menos um dos pais com ensino superior completo, assim como alunos com renda familiar acima de cinco salários mínimos com a maior formação de ao menos um dos pais se restringindo à conclusão do ensino médio.

Os alunos que chegam a cursar o inglês avançado no CODISMA, em sua grande maioria, ou possuem uma boa renda familiar ou pais com formação superior. Entretanto, este não segue o perfil da grande maioria da população brasileira. Como pudemos perceber anteriormente, o inglês é uma habilidade que abre o caminho para diversas facilidades e oportunidades na vida do indivíduo, porém, no recorte estudado, surpreende que a continuação do aprendizado do idioma esteja restrito a uma parcela tão pequena de alunos.

Embora os dados coletados não sejam suficientes para tal conclusão, imagina-se a partir deles que a mudança estrutural trazida pela globalização e capitalismo ocorreu em velocidades distintas para o mercado de trabalho e para a classe trabalhadora. O inglês surge como um dos conteúdos do Exame Nacional do Ensino Médio, pré-requisito para o ingresso em cursos de ensino superior; para a qualidade da formação e potencial competitivo no mercado de trabalho, enquanto observamos a grande desproporção entre os estudantes detentores de maior capital, seja capital

econômico ou mesmo cultural. Aqueles que conseguem dar prosseguimento aos seus estudos na língua compõem uma minoria em um ou ambos os tipos de capital.

### **3.2 – Trajetória de vida: etapas da fabricação da nova mercadoria-trabalhador**

Como foi desenvolvido anteriormente, os efeitos da globalização e do capitalismo se mostram cada vez mais presentes no cotidiano dos indivíduos. Hoje em dia esse processo afeta, querendo ou não, praticamente todos os seres humanos que vivem em sociedade. Tais fenômenos em sua natureza estruturante influenciam diretamente os valores, normas e princípios da sociedade, adequando-os aos seus novos princípios. Os novos valores que emergem destes processos, através de sua constante presença nas vidas das pessoas, tornam-se naturalizados e, através da repetição constante do esforço dos indivíduos para adequar-se a eles, são interiorizados. Um dos valores, em especial, que dissemina-se é o da competitividade, principalmente em relação ao mercado de trabalho.

O conceito de *habitus* que conhecemos através de Pierre Bourdieu é abordado como conjunto de predisposições estruturadas e estruturantes, configurando através do aprendizado um *modus operandi* que orienta a ação dos indivíduos em sociedade ao lidarem com situações sociais ou ainda, segundo os comentários de Renato Ortiz que, interpretando Bourdieu, define o *habitus* como “entre outras coisas, um sistema de disposições duráveis que se configura como matriz de percepção, apreciação e de ação” (BOURDIEU, 1983). A compreensão de tal conceito elucida as impressões e opiniões dadas pelos estudantes como reflexo de uma estrutura, de um sistema interpretativo que alicerça a percepção de mundo destes indivíduos. Estas impressões coletadas do alunato chamam atenção principalmente por acusarem, reificarem, os princípios e valores característicos do sistema competitivo capitalista que se globalizou.

Esta competitividade é observável em diversas situações, como em dizeres populares como “enquanto você dorme, seu concorrente trabalha” que traduzem esta constante ameaça de ser categorizado como obsoleto. Foi possível observar a necessidade de apresentar um “algo a mais” (em relação à concorrência) durante a pesquisa principalmente ao perguntar aos alunos o que seria necessário para conseguir uma vaga no mercado de trabalho e sobre os futuros projetos dos estudantes quando terminassem o curso de inglês. As respostas a estas duas perguntas se mostraram curiosamente similares, ambas tangenciaram o mesmo tema de adquirir especializações que os diferenciasssem ou “fizesse a diferença” em uma situação de disputa por um emprego. Quando questionados sobre os pré requisitos para o mercado de trabalho, as respostas se voltaram para o acúmulo de experiência profissional, formações que acrescentassem ao currículo profissional e proatividade em relação ao ofício; enquanto as respostas referentes à segunda pergunta estavam ligadas

ao acúmulo dos elementos que somariam ao currículo, como aprender uma nova língua, realizar cursos de informática, etc, como podemos observar nos depoimentos seguintes:

“Ampliar o meu conhecimento de línguas. Ampliar para, no caso, eu quero aprender alemão, eu quero... francês, ampliar, sabe? E no caso do meu mercado de engenharia, vai ter tanto minicurso, o máximo que eu encontrar, que desperte o meu interesse, aproveitar a oportunidade.” ( Entrevistado 4)

Ou mesmo:

“Eu pretendo fazer algum outro curso de alguma outra língua, aqui mesmo, só não sei qual ainda. Porque... como eu falei já é importante ter mais de uma hoje em dia, a sociedade pede isso, até pra se tiver, eu fizer no futuro um doutorado vai precisar de duas línguas além do português, então...” (Entrevistado 14)

Ou então:

“Porque eu tenho interesse em aprender mais uma língua e não ficar só no inglês. É, eu acho que é muito importante, para se desenvolver mais mesmo, eu não sei explicar, eu acho que é importante porque é algo a mais que você pode acrescentar, assim, mostrar que você é interessado em saber outras coisas.” (Entrevistado 15)

Como podemos observar, o adquirir de uma nova habilidade que possa somar no currículo e assim aumentar o grau de competitividade do indivíduo é extremamente valorizado, já constando no planejamento do sujeito antes mesmo de saber em qual habilidade será necessário se aperfeiçoar. Esta busca constante por habilidades constitui, ainda utilizando a perspectiva bourdieisiana, o que pode ser chamado de uma economia de capital simbólico. Analisando toda a conjuntura, é possível dizer que observamos a emergência ou a mudança do *campo* referente ao mercado de trabalho em direção a uma adequação à nova estrutura capitalista globalizada. Este *locus*, que posiciona os indivíduos dentro desta estrutura, é caracterizado pela luta concorrencial entre os indivíduos por um capital escasso e específico, que está posto como o acúmulo de formações, habilidades e capacidades. Os indivíduos, portanto, embora não possuindo certeza sobre quais habilidades são decisivas, compreendem a lógica do campo no qual pretendem incorporar e que já influencia aqueles que não estão inseridos.

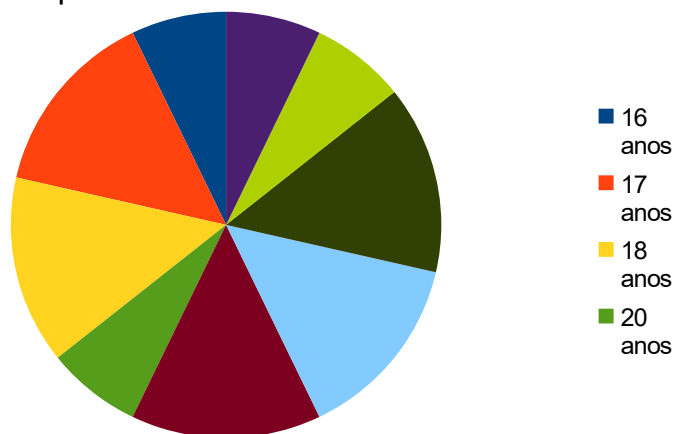
O novo *modus operandi* se caracteriza exatamente por esta necessidade de acúmulo de títulos, habilidades, “diferenciais” para a disputa no mercado de trabalho; esta incessante necessidade de se aprimorar, de produzir, independente da área na qual se pretende atuar. A importância de perceber esta estrutura, naturalizada e adotada pelos sujeitos como fundamentalmente seus, está posta no próprio autor, quando o mesmo afirma que:

Isto significa afirmar que o agente nunca é por inteiro o sujeito de suas práticas: por meio das disposições e da crença que estão na raiz do envolvimento no jogo, quaisquer pressupostos constitutivos da axiomática prática do campo (a doxa epistêmica, por exemplo) se introduzem até nas intenções aparentemente mais lúcidas. (Bourdieu, 2001, p.169)

Este *habitus* cumpre com as palavras de Renato Ortiz quando o mesmo afirma, na introdução de *Pierre Bourdieu: sociologia*, que ele “na medida em que é produto das relações sociais ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendram” (BOURDIEU, 1983). Olhando para a trajetória de vida dos estudantes que compõem o nosso recorte compreendemos melhor o que o autor quis dizer, além de aprofundar nossa compreensão no processo de estruturação através da trajetória de vida dos indivíduos e como a mesma corrobora com esta nova predisposição.

Em primeira instância podemos observar a idade dos estudantes do inglês avançado e do inglês básico. Neste segundo grupo damos maior atenção ao intervalo de idade dos estudantes de 10 a 19 anos, presente no gráfico 1.4 com o qual já trabalhamos. Dos 15 alunos que compõem a categoria do inglês básico entre 10 à 19 anos, 4 deles tem entre 13 e 14 anos. Não obstante, observamos a faixa etária dos alunos do inglês avançado não passando da casa dos 24 anos, com exceção de um aluno de 41 anos, como podemos observar no gráfico 2.1. Considerando o tempo necessário para adquirir o inglês avançado, chegamos a conclusão de que tais alunos iniciaram seus estudos na língua ainda muito cedo, como podemos observar no gráfico abaixo alunos do inglês avançado tendo 16, 17 e 18 anos.

Gráfico 2.1 - Idade dos alunos do inglês avançado do CODISMA no primeiro semestre de 2018.



A presença de estudantes de tão pouca idade nos cursos de inglês, considerando a incapacidade de financiarem seus cursos sozinhos e sua relação de dependência direta dos pais e responsáveis, indica a preocupação das famílias desses estudantes em lhes proporcionar uma formação mais completa mesmo nos períodos de sua infância ou pré-adolescência. A preocupação com a formação se inicia na vida do indivíduo, em alguns casos, antes mesmo do próprio constatar que tal conhecimento lhe será necessário. Já neste ponto podemos perceber a presença de um planejamento da vida destes estudantes para o mercado de trabalho, que se inicia como um projeto familiar. Ilustrando com as palavras de um entrevistado:

No começo era mais uma parte de consciência que meus pais passaram para mim, eles não sabem falar inglês, mas desde sempre meu pai deu prioridade para isso, então, meio que foi passando, aí quando você vai amadurecendo meio que vai percebendo que é verdade. (Entrevista 18)

É interessante perceber no depoimento supracitado que a percepção da importância de dominar tais habilidades se manifesta mesmo em indivíduos que não as possuem, a exemplo dos pais que não possuem o domínio da língua porém, mesmo assim, matriculam seus filhos em cursos de inglês. A importância do acúmulo deste capital intelectual é percebida e reproduzida mesmo de forma sutil, expressando-se como garantia de um bom futuro ou como investimento calculado na valorização de uma força de trabalho.

Os quatro alunos de 13 a 14 anos encontrados no inglês básico possuem entretanto um elemento em comum. Ambos pais e mães de todos os quatro estudantes apresentavam o ensino superior completo. Embora o número de alunos seja pequeno para uma análise mais concisa, a correlação entre as variáveis “idade de início dos estudos complementares” à escola e o “grau de formação dos pais” podem estar até certo ponto ligados. Embora a importância da língua inglesa seja reconhecida mesmo por indivíduos com pouca formação, como observamos anteriormente, o simples fato de se encontrar em uma família de elevado capital cultural permite à criança familiarizar-se com a língua mais cedo seja dentro de casa, seja em cursos específicos para tal.

Já em uma idade mais avançada, tendo se apropriado das preocupações familiares com a formação e com objetivos mais concretos, o indivíduo que não possui uma garantia de fácil empregabilidade preocupa-se ou com sua entrada em uma instituição de ensino superior ou em conquistar um emprego. Comumente, para atingir uma dessas metas, o indivíduo também precisa passar por uma prova de seleção, seja ela através de uma prova escrita, por entrevistas ou, em alguns casos, por ambas. Embora possuindo formatos diferentes, ambas as formas de seleção priorizam através de seu próprio método aqueles que julgam ter maior capacitação para as vagas.

Em ambos os casos, tais métodos visam quantificar tal capacitação através da mesma lógica do acúmulo de conhecimento.

Seja para começar a trabalhar ou a se formar, a tomada de consciência acerca da economia simbólica de habilidades impulsiona os indivíduos a iniciarem sua trajetória em direção a adaptação ao novo sistema. Tais habilidades, legitimadas através de diplomas ou comprovantes, teriam a função de facilitar o acesso dos indivíduos a uma maior quantidade de oportunidades, aumentar sua potencialidade de competição. Dentro do campo acadêmico à intercâmbios, bolsas de estudo, grupos de pesquisa ou iniciações científicas; no campo do trabalho à entrevistas de emprego e maior legitimidade ao colocar-se como bom funcionário.

É importante frisar que, embora a procura pelo inglês apareça com maior frequência nos depoimentos dos alunos, conservando sua importância diferenciada na nova conjuntura globalizada, a lógica do acúmulo de habilidades e capacidades como capital simbólico que diferencia os sujeitos em disputas valoriza diversas outras habilidades, a exemplo do domínio de uma terceira língua, noções de informática, administração, até mesmo habilidades mais específicas para as respectivas áreas de atuação profissional dos indivíduos, como cursos de programação, AutoCad (software para elaboração de desenhos técnicos) entre outros. Em diversas vezes tais habilidades aparecem como elementos de pré-seleção, classificando indivíduos para realização de entrevistas ou provas de conhecimentos.

Outro elemento que emerge de forma recorrente das entrevistas é a preocupação com a realização de um intercâmbio acadêmico. Grande parte do alunato entrevistado planeja, ou possui o desejo, de realizar um intercâmbio a partir do momento em que dominar uma língua estrangeira. O intercâmbio é abordado por eles em diversas perspectivas: a realização do desejo de conhecer novas culturas; uma maneira de aperfeiçoar-se ainda mais na língua estudada; e como um elemento de legitimação ou de autoridade que poderia conferir um maior valor àquele que o realiza, desta forma, se tornando muitas vezes parte do planejamento de vida destes indivíduos.

O valor do intercâmbio seria sustentado segundo o discurso de que a educação estrangeira seria melhor que a nacional e, principalmente, pelo motivo de ajudar no refinamento de outra linguagem, pelo motivo de que o indivíduo estaria imerso em uma rotina onde apenas a língua estrangeira fosse falada. O valor atribuído à experiência não está resumida apenas ao intercâmbio, mas a própria experiência de trabalho, que constitui um dos elementos de valor simbólico de disputa. A experiência de trabalho, assim como habilidades objetivas, pode possuir tanto função classificadora, sendo um elemento diferencial, quanto desqualificadora, ao ser cobrada como um pré-requisito para participar da concorrência. Podemos observar o valor da experiência através da busca pela mesma, como no caso do entrevistado a seguir que tem por profissão professor:

Eu acho que é currículo, seus conhecimentos né, além da sua graduação e experiência conta muito, meu caso eu faço meu curso durante cinco anos, e passei quatro anos, quase quatro anos, dando aula no Estado, só que o nome oficialmente é estágio remunerado, com bolsa e uma CAPES, mas na hora de fazer entrevistas em escola ninguém considera. Eu acho que, além do seu currículo, o que mais pede hoje em dia, principalmente nos prédios particulares, é a questão da experiência, aí leva em conta se você participou de congresso, se viajou, nada disso, o que vale é a experiência. Eu acho que, experiência, eu acho que um bom currículo ele tem que mostrar o que é que você fez a mais durante o curso, se participou de outros cursos, se fez outros cursos relacionados, especificação, mestrado, doutorado, acho que tudo isso enriquece o currículo. (Entrevistado 14)

A principal preocupação dos alunos está em obter qualidades, habilidades, de preferência certificadas, em maior quantidade que as de seus concorrentes. Sendo elementos que os diferenciarão nos processos seletivos com os quais irão se deparar, estas qualidades e habilidades passam a ganhar grande importância. Esta quantificação de perícias configura, como compreendemos a partir dos estudos bourdieusianos, um campo social específico hierarquizado de acordo com a quantidade e qualidade das perícias acumuladas pelos indivíduos que nele concorrem entre si. A preocupação em liderar esta distribuição desigual de perícias se coloca como elemento norteador para os indivíduos localizados dentro desta conjuntura moderna, capitalista e globalizada.

O currículo, dentro deste panorama, tem o objetivo de representar o banco legítimo de dados dos conhecimentos, habilidades e experiências que aderem valor simbólico ao indivíduo. O currículo, na relação sistema-indivíduo ganha prioridade sobre o próprio sujeito antes, durante e depois das situações de disputa, representando por si só o próprio indivíduo. Ele serviria, portanto, de ferramenta de acesso à diferentes oportunidades ou mesmo locais, e sua potencialidade se daria de acordo com a quantidade de capital simbólico de formação legítima contida no mesmo. Como mencionado inúmeras vezes pelos alunos, o currículo é imprescindível para a disputa nos diversos âmbitos, acadêmicos ou de trabalho.

Ter um currículo grande, portanto, representaria uma maior quantidade de oportunidades para os sujeitos, não havendo tamanho máximo para o mesmo enquanto o objetivo de passar em uma seleção específica não for atingido. Os indivíduos afirmam que investem em formação e, assim que terminam desejam iniciar uma outra, dentro de uma cadeia produtivista incessante onde a meta é ultrapassar o concorrente que também continua produzindo.

A preocupação com o acúmulo deste capital se estende para além da disputa por uma vaga de trabalho configurando-se como a preocupação em manter-se na vaga. Segundo os entrevistados, não basta estar apto, é necessário manter-se como tal. Com o crescente avanço das tecnologias,

pesquisas, inovações, mesmo após adquirirem o tão sonhado emprego, há sempre o risco de tornar-se obsoleto dentro de um sistema que continua a se atualizar, exigindo um perfil de trabalhador que possa estar apto a atualizar-se junto com a tecnologia. Desta forma, a esfera do trabalho se coloca como um campo incerto mesmo depois de estar inserido nele, porém regido por uma premissa estrutural de acúmulo de competências legitimadas pelo sistema.

### **3.3 – Reflexos objetivos e subjetivos da meta da excelência profissional sob a perspectiva praxiológica**

Acompanhamos no segmento anterior a trajetória do indivíduo em direção ao acúmulo de capacidades e habilidades que servem de capital simbólico em competições por diversas vagas na esfera social. O acúmulo deste capital, ou de características dessa mercadoria-trabalhador que se forma simultaneamente ao indivíduo em uma espécie de simbiose entre o sujeito e as exigências do mercado de trabalho, tem por objetivo torná-lo atraente para seus empregadores, uma mercadoria desejada e portanto valiosa. Vale salientar que o valor desta mercadoria também é auto-atribuída, na medida em que o indivíduo também está inserido no sistema simbólico do qual utiliza para aumentar seu valor.

Na medida em que acumula formações, tais certificações além de funcionarem como distinções no campo do trabalho passam a estar associadas ao próprio sujeito. O sucesso profissional que irão atingir ganha grande importância para os sujeitos na medida em que isto os representará como indivíduos e como mercadorias. A ideia do sucesso profissional se aplicará ao sucesso do indivíduo como indivíduo, como corpo onde são celebrados virtudes legitimadas por um mercado de títulos pertencente ao novo sistema produtivista. Nesta perspectiva, torna-se perceptível a influência destes novos princípios sobre o sujeito objetivamente e subjetivamente, tanto em sua vida material quando pessoal; na sua relação com o mundo e em sua relação consigo. O culto ao profissional ideal é priorizado se tornando uma das motivações para prosseguir na jornada em direção a formação além de ser interpretado como crescimento pessoal.

A excelência profissional esteve presente em todas as entrevistas feitas de forma direta ou indireta, e serve de direcionamento para os entrevistados. Sua definição é calcada na representação do que é necessário para adquirir e manter uma vaga no mercado de trabalho. Além do acúmulo de currículo, é observável um conjunto de exigências que excedem em diversos pontos o necessário para o cumprimento de suas funções em qualquer cargo. Tais exigências, ou características do “profissional ideal” transcende para diversas outras esferas da vida sobre as quais terão forte influência, a exemplo da moradia, relacionamentos, planejamentos e até mesmo capacidade de interação, alienando o sujeito em prol do trabalho.



Tal alienação ocorre no momento em que a vida produtiva passa a ser considerada para a tomada das decisões fora do trabalho. Sendo definida pelo gerenciamento da vida do indivíduo, não mais em prol do indivíduo, precisando cumprir com os pré-requisitos que seus vínculos empregatícios impõem. O perfil ideal, a mercadoria excelente, atinge o patamar de fetiche. As relações sociais que dão origem a tais exigências do mercado de trabalho são ignoradas e naturalizadas, tornando-se pouco perceptíveis e vendendo suas exigências como características inerentes àqueles que nascem para o sucesso. A exemplo, é notório nos discursos dos entrevistados o desejo de atingir tal patamar, considerando o objetivo como uma meta pessoal, como podemos observar no depoimento de um dos alunos:

Eu acho que você precisa ser uma pessoa que esteja disposta a entrar nesse mercado, que é bastante competitivo, né? Você precisa estar disposto a trabalhar na empresa, querer aprender sempre, e querer... É, e estar motivado a estar sempre aprendendo mais sobre a empresa, sobre como ser um profissional melhor, e, acredito que hoje em dia é uma atividade contínua. E estar disposto a enfrentar novos desafios, vamos supor se você precisar se mudar para trabalhar numa empresa, então você não... “ah, eu sou de Recife mas eu não quero sair nunca de Recife, quero continuar aqui”, mas e se você tiver uma oportunidade maior em São Paulo? Você vai deixar de ir? Então eu acho que você tem que estar sempre disposto a crescer com a empresa, né? (Entrevistado 3)

Podemos perceber nas palavras do entrevistado 3 de forma nítida como o mesmo atribui uma maior importância às oportunidades de emprego do que aos próprios desejos e vontades. “Não deixar a oportunidade passar”, “estar disposto”, “ter comprometimento”, são exemplos de máximas que reificam a prioridade atribuída às necessidades da empresa sobre as necessidades ou vontades dos indivíduos que aparecem em praticamente todas as entrevistas. A preocupação passa a girar em torno do gerenciamento da própria vida de forma a tornar-se mais atraente para as necessidades da empresa, para as necessidades do trabalho. Não bastaria tornar-se uma mercadoria atraente no que se refere às suas habilidades e capacidades, é necessário facilitar seu consumo, colocar a praticidade como uma das vantagens da compra.

Elementos que comumente aparecem nas entrevistas de emprego nos dão algum indício do quanto tal praticidade é atraente para os consumidores/empregadores desta mercadoria trabalhador. Residir nas proximidades do local de trabalho, possuir disponibilidades de horários, possibilidade de atender a urgências e imprevistos ou até mesmo não estar planejando ter filhos são variáveis que são levadas em consideração no momento de seleção e que podem servir de desempate em diversos

momentos. A característica da praticidade e adaptabilidade estão intimamente ligadas a esta excelência profissional.

O sujeito passa então a reger sua vida de acordo com o que é mais vantajoso para sua vida produtiva, onde a perspectiva de uma carreira de trabalho está presente como um dos elementos mais importantes. Tal comportamento é encorajado e representado como sendo a “receita” para um indivíduo destinado ao sucesso, destinado a distinguir-se dos demais e detentor de prestígio; norteando a vida dos sujeitos para que produzam antes e depois de iniciarem suas vidas produtivas.

Tais características também estão presentes no discurso que legitima a importância do domínio da língua inglesa para os indivíduos. Para além do momento da competição por vagas, é valorizada a capacidade de contornar adversidades em futuras profissões e, para tal, o inglês se mostra um instrumento de grande utilidade. Um argumento que aparece constantemente nos discursos é o da necessidade do inglês para aqueles que pretendem trabalhar em empresas devido a crescente relação das mesmas com o mercado internacional. São citadas as possibilidades de ser necessário se comunicar com pessoas estrangeiras, de sair do país a trabalho e até mesmo de participar de reuniões ministradas em inglês.

Mesmo não descrevendo com exatidão ou segurança quais poderiam ser as adversidades nas quais o inglês seria indispensável e o quão provável seria de que ocorressem, os entrevistados possuem a certeza de que a língua é de fato indispensável. O depoimento da Entrevista 3 que, embora admita que hajam funções que não necessitem do inglês, a perspectiva de que torne-se necessário em algum momento ilustra bem tal contraste:

É, hoje em dia sim, né. Hoje em dia tem função que nem precisa, mas enfim, eu acho que é uma forma, é um pré requisito, que hoje em dia o mercado é bem complicado, então eu acho que eles botam o inglês já como um pré requisito. E também, vamos supor que você é um funcionário que vai para uma empresa grande, que vai precisar ter uma conferência, e você precisar se comunicar, eu acho que é meio complicado, né? (Entrevista 3)

Entretanto as exigências não ficam isoladas ao campo do objetivo e material. Além de ser atribuída grande importância à bagagem de perícias do indivíduo e à praticidade da relação do mesmo com a sua instituição de trabalho, tanto no espaço quanto no tempo, também surgem exigências no que se refere a uma área mais sutil e subjetiva, como a sua relação com os outros funcionários da empresa e seu próprio comportamento fora dela. Neste ponto não se trata mais de preocupações com a competência do indivíduo para desempenhar sua função, mas sua capacidade de manter uma boa convivência com os demais empregados e, através de sua conduta fora do trabalho, não constranger a empresa perante as expectativas sistêmicas.

Tipo, eu acho que também está além do conhecimento, eu acho que está na maneira como você conduz a situação, consegue se relacionar com as pessoas, porque hoje em dia você se relaciona com todos os tipos de pessoa, eu prezo muito pelo relacionamento com as pessoas e você conseguir tipo, trazer seu conhecimento para isso, passar e tipo desenvolver, construir um ambiente assim, integrando tudo: conhecimento, personalidade, relações interpessoais, acho que você conseguir harmonizar isso, eu acho um bom diferencial. (Entrevista 19)

A meta de profissional a ser alcançada, ideal forjado pela estrutura capitalista como modelo mais eficiente de instrumento de produção, também acarreta uma colonização dos indivíduos na esfera pessoal. Qualidades referentes à pessoa ali representada também são valorizadas tanto no processo de admissão quanto de demissão. Além de precisar (e serem aliciados a desejarem) adaptar sua formação desde cedo, seu local de residência, suas relações familiares, planos de vida, entre diversas outras partes que constituem o mundo da vida, o indivíduo também é “convidado” a adaptar sua performance de socialização a um padrão aceitável determinado, seja direta ou indiretamente, pela instituição empregatícia.

Questões referentes à dinâmica dos funcionários, formas de relações interpessoais, e características de cunho totalmente subjetivos, como a personalidade, ganham o status de diferenciais já na disputa por vagas no mercado de trabalho. Mais uma vez percebemos uma íntima relação entre o perfil profissional e o pessoal, onde um parece estar ligado de forma cada vez mais íntima ao outro. Características como determinação, simpatia, dedicação e proatividade fazem parte do acervo que um bom profissional deve apresentar. Invertendo a posição hierárquica da qual parte o estímulo de características produtoras, tal incentivo é reformulado e vendido como uma característica de indivíduos excepcionais, mais comumente chamados de “líderes”.

Eu acho que realmente ter outras línguas, ter uma desenvoltura na hora de falar, se colocar mesmo; eu acho que o seu currículo né, cursos, o quanto você se esforçou; mas eu acho também que as pessoas prestam atenção no senso de liderança, algo do tipo, o seu jeito mesmo como você lida com as situações. Isso é importante. (Entrevista 15)

O ápice da excelência profissional, incorporando a alcunha de “líder”, nada mais é que um indivíduo capaz de otimizar as exigências da instituição, incorporá-las de forma eficiente, reproduzi-las e disseminá-las entre os seus colegas de trabalho. A figura do líder representaria o indivíduo dedicado ao máximo aos interesses da empresa, aos interesses da produção, capaz

inclusive de estimular outros indivíduos a seguir o mesmo perfil. Dentro do sistema de economia de capacitações, o mesmo representaria o detentor da maior quantidade de capital simbólico deste campo específico, incluindo tanto a esfera da competência de formação, quanto a do comprometimento pessoal. O líder, seja no formato do trabalhador motivado ou do indivíduo empresário, novamente, é o melhor exemplo da colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico, pelo capitalismo.

Percebemos como tais qualidades que comumente pertencem ao campo subjetivo do indivíduo são transformadas dentro deste sistema em mercadorias vendáveis. Três cursos em especial se popularizaram e representam bem as qualidades e o como deve performar o trabalhador, e estes são: curso de marketing pessoal, curso de inteligência emocional e cursos de liderança. Cada uma dessas formações tem por objetivo lapidar a mercadoria-trabalhador para apresentar-se, controlar-se e agir da forma mais eficiente possível, mais voltada para a produção.

Nos deparamos com um mercado de formação do indivíduo que transcende o aprendizado de habilidades, mas tem por objetivo otimizar sua capacidade de vender-se, sua docilização perante as tensões da vida produtiva e maximizar a sua produtividade e a dos indivíduos que dividem com ele o mesmo local de trabalho. Desta forma, os sujeitos são construídos em nível objetivo e subjetivo para o trabalho. Encorajados a participarem de uma competição incessante regrada pela produção e acúmulo de diversos títulos e capacidades físicas e psicológicas vendidas em um grande mercado que, além de se firmar como um negócio, contribui para a construção das engrenagens de produção mais eficientes possível, materializadas nos trabalhadores.

Tal sistema transfere para o sujeito a responsabilidade do sucesso de sua adaptação, sendo obrigação do mesmo interessar-se a buscar o maior número de qualificações e habilidades possível as quais são adquiridas mediante ao investimento de tempo e capital monetário; preparar-se para ser capaz de enfrentar as adversidades em futuros trabalhos; encontrar clientes que possam estar interessados em consumir o seu produto (ele mesmo); competir com outros indivíduos que se encontram na mesma situação e apresentam formações similares; até, finalmente, caso tenha êxito, ser empregado e precisar gerenciar a sua vida com o objetivo de manter seu emprego, o que significa priorizar as necessidades da empresa em favor das próprias.

Para ser capaz de superar tais adversidades, exigências direta e indiretamente impostas, que serão tidas como provas de seu sucesso social, o indivíduo passa a almejar alcançar um perfil específico de mercadoria caracterizada objetivamente por sua adaptabilidade às necessidades da empresa, praticidade quanto, formação apropriada, proatividade, constante busca por atualização, entre outros; e subjetivamente através de um padrão específico de comportamento em relação a si, sendo apto a controlar a influência do seu estado emocional, e com os outros, construindo relações harmoniosas com o alta produtividade do trabalho dentro e fora da empresa. Esta mercadoria

trabalhador idealizada, traduzida por um indivíduo com alto capital intelectual (capacitações e habilidades) acumulado, altamente produtivo e interessado em saciar as necessidades da instituição para a qual trabalha, é tido como objetivo, como sinônimo de sucesso, de referência, o qual os indivíduos irão tentar atingir desde cedo.

A imagem do indivíduo de sucesso é tão ressaltado, valorizado e perseguido principalmente por sua característica de distinção em relação à massa. Característico da sociedade de consumo, diferenciar-se como um sujeito separado da multidão é uma pauta amplamente cobijada. A construção desse personagem é caracterizada empiricamente pela forte influência das vivências em contato com as situações estruturadas pelo sistema capitalista, que irão determinar as chances de sucesso de suas investidas, e da indústria cultural que apresenta aos indivíduos constantemente exemplos construídos de forma idealizada deste modelo mercadoria sujeito. Nos deparamos desta forma, utilizando como referência para sustentação deste argumento a incorporação observada dos princípios capitalistas citados nos discursos dos estudantes entrevistados, que, embora tenham ciência da necessidade imposta pelo sistema de aderir a tais valores, os alunos também apresentam o desejo individual de atender ao perfil vendido.

A apropriação e naturalização desses valores, ao determinarem características da subjetividade do indivíduo, não é abordada como um fenômeno socialmente construído, e, portanto, exterior aos estudantes; é interpretada, entretanto, como vontades, objetivos e metas pessoais, constituindo desta forma o fetichismo da subjetividade descrito por Bauman (2008). Na nossa conjuntura o indivíduo encontra-se no constante patamar de consumidor, não apenas de mercadorias materiais, mas de mercadorias simbólicas que se constituem como capital social. Estas são consumidas incessantemente como um meio de auto construir-se como mercadoria vendável, caracterizada pela concentração deste capital que legitimaria as competências do indivíduo na competição dentro do campo do trabalho. Encontramos nesta conjuntura o sujeito na posição de consumidor e vendedor dele mesmo como mercadoria.

É possível dizer que um habitus produtivista se ergue na modernidade a partir do momento em que observamos a naturalização de uma estrutura de percepção através de um aprendizado passado que orienta a agência dos indivíduos adequando-a a estrutura social estruturada, tendendo a reproduzi-la. Dentro desta estrutura encontramos um conjunto de situações com regras estruturadas que determinarão a chance de êxito do indivíduo mediante à conformação de suas ações com as mesmas; ações estas orientadas por um sistema de valores anteriores à prática. A vida produtiva do indivíduo se encontra na posição de campo, regrado de acordo com o acúmulo de competências legitimadas, dentro do qual os indivíduos disputariam entre si para atingirem posições hierarquicamente estruturadas, seus respectivos empregos.

Embora percebamos uma forte ação estrutural sobre os indivíduos, baseado na epistemologia praxiológica bourdiesiana, observamos que este habitus produtivista não se manifesta de forma homogênea em todos os indivíduos, mas atende a uma especificidade referente ao *locus* social no qual o indivíduo se encontra, seja particularidades da esfera familiar, religiosa ou regional que vão contribuir para a construção das categorias lógicas que ordenariam a representação social do sujeito.

Podemos ilustrar tal fenômeno a partir da análise de duas entrevistas em especial que seguem esta lógica capitalista produtivista e mercadorizadora, porém chamam atenção para a forma como a representam e a partir das quais justificam suas ações. Na primeira entrevista é possível observar uma forte influência da religião na forma como o indivíduo representa o seu futuro ofício na arquitetura e como o mesmo instrumentalizará o inglês em prol da mesma. Ao ser indagado acerca de suas motivações para a escolha do curso, o entrevistado respondeu:

Não, eu desejei fazer arquitetura a partir do momento em que eu virei cristão porque eu tenho uma visão de que Deus ele é um grande arquiteto, ele planejou tudo para a gente, se eu estou respirando agora, se eu estou dando esta entrevista, é porque ele está permitindo e ele planejou tudo e eu quero ser, não um Deus, mas, ser como o filho dele que, de alguma forma, ajudou as pessoas. Vou procurar fazer isso também, ajudar as pessoas a planejar suas vidas. (Entrevista 1)

Observamos através do discurso acima um discurso ideológico e uma lógica que fundamentará a sua representação de mundo. Entretanto, somada à justificativa religiosa apresentada pelo estudante entrevistado, o mesmo se mostra interessado em investir em seu capital simbólico no intuito de aumentar as suas chances para o mercado de trabalho, como cursos complementares voltados para a sua área de arquitetura. Ambas as perspectivas não se encontram em contradição. Pelo contrário, são o produto dos diferentes campos nos quais o indivíduo foi socializado que contribuem para a reprodução da estrutura analisada.

No caso da segunda entrevista, não foi uma instituição religiosa, mas a familiar que contribuiu para a escolha da área de atuação do entrevistado. O mesmo optou pela carreira na gastronomia, mais especificamente na área de vinhos, devido a relação com seu pai.

Principalmente o de vinhos, eu aprendi a gostar de vinhos com o meu pai, ele tem um certo vício com essa bebida, aprendi a gostar com ele, o curso de gastronomia é tipo uma introdução mais aprofundada na área de vinhos culturalmente falando, e industrialmente falando, tanto na elaboração quanto na degustação, e isso me fez criar uma paixão, assim, bem profunda por essa área e eu pretendo investir todo o

conhecimento que tenho no curso de agora e posterior sempre voltado para essa área. (Entrevista 5)

Sua paixão em relação aos vinhos, herdada de um locus familiar, servirá de norte para a expressão da vida produtiva deste sujeito em especial. Ele, entretanto, inserido dentro de uma estrutura que, como vimos, determina o sucesso ou fracasso dos sujeitos de acordo com suas normas, tendo inculcado também os princípios e valores estruturais, norteia sua vida produtiva através de um campo específico do mercado, o da gastronomia. O entrevistado mostra um peculiar acúmulo de capital simbólico específico para a sua área, tendo realizado diversos cursos como, nas palavras dele:

“Eu sou formado em gastronomia, tenho metade do curso de tecnologia de alimentos na UFPB, e atualmente eu curso engenharia de alimentos. (...) Tenho curso de filtragem de café e barista, no caso, que é para serviço de café e tenho curso técnico em somelier pra além de recomendar o vinho, saber harmonizar ele bem com o material recebido.” (Entrevista 5)

Todos os estudantes entrevistados, direta ou indiretamente, se encontram nesta jornada de formação continuada em direção de uma mercadoria atraente para assumir o seu lugar no mundo do trabalho. Independente de como signifiquem o processo, ou qual carreira específica decidam seguir, todos atendem aos princípios impostos pelo sistema capitalista através das diversas instituições ou campos nos quais os indivíduos são socializados. A estrutura estruturada, que precedem os sistemas de classificação, encontra-se em estado constante de estruturação através do aprendizado teórico ou prático, guiando os sujeitos para o acúmulo desde a infância de características, habilidades e capacidades que servirão de capital simbólico para sua futura disputa no mercado de trabalho e da organização e gerenciamento da vida em prol da vida produtiva.

Dentro de uma sociedade de consumo, observamos como tais capitais simbólicos, sejam eles habilidades ou traços de personalidade, são utilizados como elementos tanto mercadológicos, no sentido de serem oferecidos como uma mercadoria passível de compra e venda em um mercado especializado para tal, tanto de identidade na relação do indivíduo consigo mesmo. A idealização de uma excelência profissional que exige constante produção em direção à flexibilização da vida em prol do trabalho torna-se um dos fatores que, entre outros, irá compor a estrutura que servirá de matriz de interpretação do mundo para os sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### Comentários sobre os resultados encontrados

Pensar o consumo no século XXI tem se mostrado especialmente desafiador em face da quantidade de contribuições feitas no século anterior. Ao pensar o consumo de formação, de capacitação, diversas foram as perspectivas fomentaram a abordagem do tema, problematizando o fenômeno de diversas formas.

A sua natureza é a um tempo instrumental (como agente de satisfação de necessidades e desejos), informativa (enquanto marcador de sucesso, poder e distinções sociais) e expressiva (sendo comunicador e tradutor simbólico de estados de espírito e identidades). (RIBEIRO, Raquel 2008)

Todas as características citadas por Ribeiro podem ser usadas como lente para problematização do tema: o consumo instrumental da formação como ação racionalizada objetivando maiores chances de ingressar no mercado de trabalho; o consumo informativo da formação como um indicador de sucesso profissional, legitimidade do conhecimento, etc; e como consumo expressivo de formação, uma forma de refletir características de sua vida privada através da sua formação. As três abordagens se mostraram igualmente influentes ao refletir acerca da relação dos indivíduos com o mercado de formação.

Nos encontramos, considerando estas perspectivas, em um debate teórico realizado entre os autores neo marxistas, representados nesta pesquisa principalmente por Bourdieu e Bauman. Embora o segundo considere o desmantelamento do sistema social (BAUMAN p.116-117 2008) e a constante liquefação das relações sociais, percebemos uma responsabilidade cada vez maior do indivíduo em relação à sua própria formação. Nesta perspectiva, em uma sociedade que caminha para uma crescente desregulamentação e privatização sistêmicas, encontramos o campo da seleção de trabalhadores como uma área caracterizada por exigir características objetivas dos indivíduos. A coerção que os “pré-requisitos para a vaga” exerce através do mundo do trabalho, que permeia a grande maioria, senão todas, as esferas da vida social, mostrou-se nesta pesquisa forte o bastante para protagonizar o planejamento e organização da vida os indivíduos.

A formação, embora flexibilizada através da escolha da área de atuação, seguirá um perfil regado baseado em pré-requisitos para ingressar neste locus social e determinantes do seu sucesso dentro da área, pautada no acúmulo de competências específicas e características de flexibilidade e praticidade de atuação individual. Percebemos desta forma pontos tangenciais entre ambos os



autores. A própria noção do *fetichismo da subjetividade* trazida pelo sociólogo polonês também poderia ser abordada como um deles, considerando a forte influência das relações sociais na percepção individual de si mesmo.

Através da epistemologia praxiológica bourdiesiana foi possível observar as relações sociais entre os alunos entrevistados e sua vida produtiva de forma a considerar tanto as influências estruturais quanto fenomenológicas, dadas as devidas considerações em relação a ambas as perspectivas teóricas. As noções de *habitus*, *campus* e *capital social* se mostraram essenciais na compreensão do poder simbólico nas representações individuais que observaríamos tanto em relação a elementos da formação do sujeito quanto experiências de vida dentro da área do trabalho. Encontramos, para a nossa surpresa, não apenas formações curriculares dotadas de um certificado que oficializasse o domínio daquela habilidade, mas também experiências tidas como símbolos de competência e distinção em um momento de disputa, como o caso do intercâmbio para um país estrangeiro.

A área do trabalho seguiria a lógica de um campo estruturado, um locus social que hierarquiza seus componentes de acordo com interesses da área e “onde as posições dos agentes se encontram a priori fixadas” (ORTIZ 1983). Ainda segundo Ortiz:

“O campo se particulariza, pois, como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio. Bourdieu denomina esse quantum de “capital social”. (ORTIZ p.21 1983)

Em outras palavras, percebemos esta área da esfera do trabalho como dotada de uma lógica específica que irá definir a posição hierárquica dos indivíduos que dela participam. A exemplo, a formação do indivíduo comporia este capital social que, dentro deste locus, é instrumentalizado de forma a maximizar a competitividade individual. Considerando a concorrência gerada pelo exército de reserva e a valorização do trabalho intelectual, a construção do capital social do indivíduo se inicia em uma menor idade, através do processo de formação, e norteará a vida do indivíduo. Este processo ganha prioridade sobre o próprio indivíduo, que passa a construir seu currículo e gerenciar sua vida em prol do mercado de trabalho, formando o modelo mais recente desta cada vez mais mercadoria-trabalhador.

A percepção dos estudantes quanto a relação entre globalização, capitalismo e suas vidas cotidianas se mostraram muito evidentes em todas as entrevistas realizadas. A importância que ganha o inglês como novo código para comunicação com o sistema mostra sua dupla faceta de tanto abrir portas e oportunidades para aqueles que o dominam quanto servir de critério de exclusão

daqueles que não apresentam o idioma em seus currículos, como podemos perceber no caso de instituições que empregam e formam indivíduos considerando um preparo cada vez maior para o comércio internacional.

Através dos depoimentos analisados, se mostrou deveras interessante a variedade de cursos preparatórios para as diversas ramificações do mercado de trabalho. Um mercado inteiro se encontra estruturado oferecendo habilidades, capacidades, até mesmo características pessoais, com as quais o indivíduo pode construir sua representação na esfera social, sua identidade e mesmo subjetividade, limitado pelo seu poder de compra. Observamos o acúmulo de capital simbólico a partir de pouca idade, guiada pela família, e como isto se assemelha às teorias da Escola de Economia de Chicago acerca do *Capital Humano* e da cultura do empreendedorismo, que interpretaria esta formação do indivíduo como investimento na valorização de sua força de trabalho e um futuro retorno financeiro (SCHULTZ, 1973).

Para além do conhecimento legitimado através dos certificados incorporados ao currículo, foi surpreendente perceber como experiências de trabalho e intercâmbios também constam como capital simbólico para os estudantes. Para além das características que sugerem competências aos sujeitos, a própria praticidade e flexibilidade dos mesmos passa a ser levada em conta pelos empregadores, exigindo uma priorização da vida produtiva pelo indivíduo proporcional às exigências feitas pelo trabalho. Em outras palavras, passamos a utilizar a vida produtiva como variável no momento de pesar as decisões referentes a organização e planejamento da nossa vida como um todo. O local de moradia, o tempo de trabalho, planejamento familiar, planejamento da própria formação profissional, entre diversos outros âmbitos são influenciados por esta nova variável. Mais ainda, é necessário ser capaz de reorganizar a vida em decorrência das decisões da empresa, aumentando ainda mais o domínio que já exercia sobre a vida do indivíduo.

Foi possível observar não apenas as características exigidas por esta nova estrutura, mas também como a mesma passa a compor parte da subjetividade do indivíduo de forma fetichizada. Sendo inculcada e naturalizada pelos atores sociais, as metas de produção passam a compor uma trajetória para o sucesso, para a diferenciação do eu na massa. Encontramos estas características sendo descritas como naturais do *self*, sendo remodeladas de acordo com outras características de identidade porém não perdendo os alicerces da estrutura: o objetivo de se compor como uma mercadoria atraente e vendável para o mercado de trabalho.

Diversas são as questões que levantamos a partir dos nossos resultados, observando as diversas relações que o fenômeno observado possui com a teoria social pautada através do consumo de formação ao longo da vida do indivíduo e seu reflexo objetivo e subjetivo. Observamos, por exemplo, um conjunto de cursos destinados a adolescentes de excel, informática, entre outros que reforcem ainda mais a construção da mercadoria-trabalhador em um estágio cada vez mais cedo da

vida. Cursos de oratória, marketing pessoal, coaching se popularizam a medida em que é vendida a imagem do profissional idealizado nos meios de comunicação, a imagem da realização pessoal e sucesso financeiro.

A trajetória desta preparação tem por horizonte um indivíduo que deve se destacar nas seleções de emprego através da apresentação de um diferencial em relação aos seus concorrentes. Este diferencial, entretanto, extrapola o necessário para o bom desempenho do cargo ao qual a seleção se destina. Possuir o algo a mais, se mostrar não apenas mais qualificado, mas mais adaptável às diversidades da vida produtiva, mesmo que não se tenha ideia de quais poderiam ser, norteia a formação individual independente da idade do sujeito.

A análise desta pesquisa foi realizada a partir de questionários e entrevistas aplicados a 19 alunos das turmas de inglês básico e avançado da Cooperativa Cultural Universitária da Paraíba. Este grupo é composto por uma certa variedade de perfis econômicos e sociais que nos dá a oportunidade de estudar um pouco da representação de cada um destes perfis, pensando no que eles interpretam em comum acerca da nossa conjuntura moderna. O trabalho teve suas limitações, porém foi essencial para um maior amadurecimento na prática da pesquisa. Em relação as suas limitações, entretanto, pretendo desenvolvê-las posteriormente em outras etapas do trabalho acadêmico.

- 6 -  
**Referências**

- BAUDRILARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Trad. Maria J. da C. Pereira – Lisboa. Relógio D'água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Trad. Carlos Alverto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, Rs: Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Tradução Sérgio Miceli – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa – Campinas, Sp: Papirus, 1996.
- COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. **Governamentabilidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo**. <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/36413-a-cultura-doempreendedorismo-na-educacao-entrevista-especial-com-sylvio-gadelha-da-costa>>
- CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. **História da Sociologia 1**: Antes de 1918. Trad. Alexandre A. Fernandez. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. **História da Sociologia 2**: Depois de 1918. Trad. Alexandre A. Fernandez. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- Cultura, Consumo e Identidade** / Organizadores: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo, SP: Nobel ltda, 1990.
- GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. Trad. Alvaro Cabral. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição – São Paulo: Atlas, 2008.
- HABERMAS, Jurgen. **Técnica e Ciência como “Ideologia”**. Trad. Felipe Gonçalves da Silva – I. ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- HIRSCHMAN, Albert Otto. **As Paixões e os Interesses**: Argumentos Políticos para o Capitalismo antes de seu Triunfo. 2 ed. Trad. Lucia Campello – São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HOCHSCHILD, Arlie Russel. **The Time Bind**: When Work Becomes Home and Home Becomes Work, Henry Holt, 1997, p.xviii-xix.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. Companhia das Letras, São Paulo: 1991;

LÓPEZ-RUIZ, Oswaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23ªEd. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O capital**: Crítica da economia política, Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

NORBERT, Elias. **O Processo Civilizador vol. I**: Uma história dos Costumes. Trad. Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. Organizador (da coletânea): Renato Ortiz; trad. Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo, Ática: 1983.

RETORNDAR, Anderson Moebus. **Sociedade de Consumo, Modernidade e Globalização**. São Paulo: Annablume; Campina Grande, EDUEFCG, 2007.

RIBEIRO, Raquel. **O consumo: uma perspectiva sociológica**. Universidade Nova de Lisboa. 2008.

SCHULTZ, Theodore. **Capital humano**: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 2ª Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Trad. José M. M. de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## **Anexo 1**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- 1 – Foi você que escolheu quem escolheu estudar nesta escola de línguas?
- 2 – O que lhe levou a optar por esta escola de línguas?
- 3 – Quais são as vantagens que terminar esse curso traria para você?
- 4 – Quais são os seus planos para depois que terminar o curso de inglês?
- 5 – Saber inglês é necessário para atingir tais objetivos?
- 6 – De 1 a 10, qual a nota que você daria para o seu inglês? Ele seria suficiente para atingir seus objetivos?
- 7 – Por que você cursa inglês? (Inglês básico)
- 7 – Por que você continua cursando inglês? (Inglês avançado)
- 8 – Quais costumam ser os motivos que lhe levam a faltar aula?
- 9 – Na sua opinião, saber inglês é importante no dia-a-dia? Por quê?
- 20 – Você já fez outros cursos profissionalizantes ou de línguas? Quais?
- 11 – O quão importante esses cursos foram para você? Por quê?
- 12 – Na sua opinião, o que faz a diferença na hora de disputar uma vaga no mercado de trabalho?
- 13 – Se você tivesse tempo, disposição e recursos para fazer um curso a sua escolha, qual seria?

**ANEXO 2**  
**QUESTIONÁRIO**

\* A primeira questão tem função única de organização dos questionários, não será, em momento algum, citado no corpo da pesquisa.

**QUESTIONÁRIO :**

**1 ) Nome :** \_\_\_\_\_

**2 ) Idade :** \_\_\_\_\_

**3) Sexo :** ( ☐ ) Feminino      ( ☐ ) Masculino

**4 ) Etnia :**      ( ☐ ) Índio;      ( ☐ ) Negro;      ( ☐ ) Pardo;      ( ☐ ) Branco;  
( ☐ ) Outro: \_\_\_\_\_

**5 ) Renda familiar :** ( ☐ ) 0 a 1 salário mínimo;      ( ☐ ) 1 a 3 salários mínimos;  
( ☐ ) 3 a 5 salários mínimos;      ( ☐ ) mais de 5 salários mínimos;

**6 ) Formação :**      ( ☐ ) Ensino fundamental incompleto; ( ☐ ) Ensino fundamental completo  
( ☐ ) Ensino médio incompleto;      ( ☐ ) Ensino médio completo;  
( ☐ ) Ensino superior incompleto;      ( ☐ ) Ensino superior completo;

**7 ) Formação parental :**

- ( ☐ ) Pai não concluiu o ensino médio;
- ( ☐ ) Mãe não concluiu o ensino médio;
- ( ☐ ) Pai concluiu o ensino médio;
- ( ☐ ) Mãe concluiu o ensino médio;
- ( ☐ ) Pai concluiu o ensino superior;
- ( ☐ ) Mãe concluiu o ensino superior;

**8 ) Cursou ou cursa o ensino médio em escola:** ( ☐ ) Pública; ( ☐ ) Privada; ( ☐ ) Em ambas;

**9 ) Escola de línguas :** \_\_\_\_\_;

**1**

**0**

**)**